



# **interessados & interessantes**

Felipe Mello

Revisão: Thaís Iannarelli

**Brasil - 2013**





## O Autor

Felipe Mello nasceu em Cuiabá-MT no dia 8 de junho de 1977. Na adolescência, mudou-se para o interior de São Paulo para concluir o Ensino Médio. Em 1995 chegou a São Paulo-SP para iniciar seus estudos universitários. Graduiu-se comunicador social pela ESPM. Realizou curso de Locução no Senac-SP, Artes Cênicas no Teatro Escola Célia Helena e uma especialização na cidade de Cambridge (Inglaterra). Em 2012 concluiu um mestrado pela Cásper Líbero, pesquisando a preparação ética dos comunicadores e as possíveis contribuições que as civilizações antigas, em especial a grega, podem oferecer em termos de revelação de talentos e respeito à coletividade. Vem colecionando diversas experiências marcantes: mudanças profissionais radicais, fundação de uma ONG (que em dez anos beneficiou cinco milhões de pessoas) e duas empresas, atuação como palhaço de hospital, viagens internacionais para realização de ações sociais, apresentação de programas de rádio e televisão, atuação em peças teatrais, peregrinação de 900 quilômetros rumo a Santiago de Compostela, entre outras. É diretor do Canto Cidadão ([www.cantocidadao.org.br](http://www.cantocidadao.org.br)) e sócio da Comunidea ([www.comunidea.com.br](http://www.comunidea.com.br)). Palestrante, consultor de empresas, gestor de programas socioculturais, ator e autor de teatro e apresentador de rádio e televisão.



## Este Livro

Há tempos sinto vontade de reunir textos que venho escrevendo ao longo de minha caminhada. A oportunidade surgiu e eu decidi aproveitá-la. A escolha dos textos foi absolutamente intuitiva. Não há ordem cronológica ou conexão direta entre eles. O que costura as letras, sílabas, palavras, orações e parágrafos é a vontade de compartilhar dúvidas, incertezas, impressões, experiências e esperanças vistas e vividas. O tema central, espírito que habita cada texto, é a percepção de que quanto mais nos interessamos pela vida, com seus personagens e aventuras, mais nos tornamos interessantes aos olhos, mentes e corações de quem cruza o nosso caminho. Ainda, a crença tímida de que talvez as angústias humanas possam ser tratadas com mais respeito quando abrimos as nossas portas para o mundo. Várias partes de mim escreveram esses textos. Não consigo me ver ou me sentir como um armário com gavetas profissionais e pessoais claramente separadas. Celebro a mistura. Quem escreve é o profissional de comunicação, sim. É o cidadão inquieto, sim. Mas também o pai, o filho, o menino e o adulto. Todos abraçados até o último fio de cabelo. Eu não conseguiria fazer diferente. O primeiro texto apresenta um pouco de minha trajetória. Afinal, foram os meus passos, tropeços e conquistas, que me permitiram ver e sentir o que aqui decidi contar.

Abraços e sorrisos,  
*Felipe Mello*



Para Isabela, Janete e José Ademar, amores de hoje e de sempre.





Sinceros e eternos agradecimentos a quem vem me estimulando e apoiando na crença de que o ser interessado se torna interessante. Para ser justo, teria de escrever um livro inteiro somente com nomes que possuem lugares especiais em minha trajetória e coração. Sintam-se todos beijados e abraçados com muito carinho.



# Índice

- Caminhada Transformadora, **13**  
Alegria no Caminho, **25**  
Minha Escolha *Clown*, **29**  
Pra Onde Vão as Bolhinhas de Sabão?, **35**  
Sobre Peixes que Aprenderam a Nadar no Ar, **41**  
À Beira do Trampolim, **45**  
As Roupas que Não Me Servem Mais, **49**  
Memórias de uma Infância Tantas Vezes Querida, **53**  
A Esfinge e a Paixão, **57**  
A Chuva Fez Amor Comigo, **61**  
Auroras da Minha Vida, **65**  
Acordos Despertos, **69**  
A Menina do Quadro, **73**  
Brilho nos Pés, Brilho nos Olhos, **75**  
O Afeto Nosso de Cada Dia, **79**  
Memórias Presentes, **83**  
Ode à Preguiça Produtiva, **87**  
Almas e Páginas, **91**  
O Pior Porteiro do Mundo Trabalha no Meu Prédio, **95**  
O Feiticeiro, o Anjo Caído e o Maffesoli, **101**  
Feijuca de Almoço, Sonho de Sobremesa, **105**  
Mãos Dadas, **109**  
Hércules para Presidente, **113**  
As Amizades Sinceras, **117**  
Caminhadas e Cavernas, **121**  
Presente Ausente, **125**  
Capacidade de Redimensionar Obstáculos, **129**  
Quase-Tese Econômica, **133**  
Quem Não Desempata Acaba Rebaixado, **137**  
Feliz Lente do Olhar Generoso, **141**  
Todas as Mães da Minha Vida, **145**  
Qual é a Música?, **149**  
No Miúdo da Vida, **153**  
É no Vazio do Jarro que Se Põe as Flores, **157**  
Venha a Mim o Bom Vinho, **161**  
Quem Muito Procrastina Pode Acabar Defenestrando, **163**  
Caminhos do Paraíso, **167**  
Seja Bem-Vindo, **173**



# Caminhada Transformadora

No final do ano 2000, às vésperas do século 21, comecei a colocar em prática um desejo que me acompanhava desde menino. Quando escolhi me tornar um comunicador social – apresentação que mais me agrada em relação à minha profissão – tinha em mim a esperança de utilizar os recursos comunicacionais humanos e tecnológicos para interferir de forma positiva na vida das pessoas. O início da minha carreira durante e logo após a graduação, contudo, colocou um pouco de água fria em minha motivação primária. Hoje percebo que o meu desagrado surgiu menos por convicções políticas e mais pela qualidade dos encontros que eu vivia nos ambientes por onde circulava para a execução das minhas tarefas profissionais. O clima de competição nas relações horizontais e verticais, junto aos públicos interno e externo, me atravessava como um desconvite à estética, ou seja, à ética dos sentimentos, afetos, bons encontros. Comunicar naquele contexto não era o que eu tinha sonhado e planejado.

A transição em minha carreira começou a acontecer quando eu pedi demissão da segunda corporação na qual trabalhei com carteira assinada, optando por criar uma empresa com outros dois sócios. Essa etapa comercialmente empreendedora também durou pouco tempo, cedendo espaço, gradativamente, nos quatro anos seguintes, à iniciativa sobre a qual, primordialmente, quero tratar aqui.

Em julho de 2002, enquanto também trabalhava pelos projetos da minha empresa, decidi fundar uma ONG com um amigo, com quem compartilhava ideias e esperanças. Os primeiros rabiscos da iniciativa surgiram quase um ano antes, após eu e esse amigo nos conhecermos no curso de Locução para Rádio no Senac, situado no bairro da Lapa, zona oeste da capital de São Paulo. A proposta era criar um programa de rádio que tivesse como pauta central a cidadania, em especial o voluntariado, tendo como característica marcante a alegria na apresentação dos temas. O programa foi batizado Canto Cidadão, menos pelas músicas a serem cantadas e mais pelo sentido de espaço ou local onde a cidadania tivesse vez e voz em um contexto de bom humor e possibilidades práticas de participação individual em assuntos de interesse e responsabilidade coletivos. A nossa crença era que esse tema e tantos outros relacionados direta e indiretamente a ele tinham muito que ver com a alegria. Anos depois, a crença temperada por inúmeras experiências práticas me fez imaginar um enunciado de apresentação da cidadania: alegria coletiva, construída e defendida por gente talentosa e apaixonada por bons encontros.

A recorrência da produção e apresentação dos programas de rádio – que em 2013 completou 11 anos de atividades ininterruptas na Rádio Boa Nova AM 1450 kHz, com quase 2.000 edições levadas ao ar para mais de 500 cidades de diversos estados, com a audiência de milhares de pessoas – foi criando ao longo dos anos uma enorme quantidade de oportunidades de realização de palestras sobre os temas tratados pelas ondas radiofônicas. Ouvintes localizados na região da Grande São Paulo, mas também em outras cidades paulistas e em outros estados brasileiros, convidaram e ainda convidam este autor para uma atividade presencial de exposição de informações e impressões sobre o exercício da cidadania, a partir de três pilares: ética, relacionamentos interpessoais e alegria. Escolas

públicas, associações comunitárias, presídios, hospitais, centros espíritas, paróquias, templos evangélicos, outras ONGs, órgãos governamentais, grupos informais e outros personagens sociais remeteram solicitações de encontro, que somam em meados de 2013 aproximadamente 1.500 eventos em formatos de palestras, oficinas e cursos realizados voluntariamente por este autor, com a presença de um total de aproximadamente 100 mil espectadores. A crença que motiva o investimento desse tempo, recursos financeiros e energia de vida é o potencial de aproximação humana que possui órbita em torno da comunicação. A partir do conhecimento das demandas coletivas, construção continuamente atualizada de discursos baseados em informações verossímeis, práticas empreendidas e propostas realizáveis, caminho com a esperança ativa de que a comunicação vitaliza o encontro das sementes com os terrenos férteis, pois mais do que nuvem onde reside o pensamento, é chuva que toca o corpo humano e gera resultados, bons ou ruins.

Em adição ao programa de rádio e às palestras, iniciamos praticamente no mesmo período – final de 2001 – um trabalho voluntário de visitação a hospitais públicos e asilos, utilizando expressões artísticas para se aproximar de pacientes, acompanhantes e profissionais da saúde, gerando, assim, oportunidades de interações comunicacionais que contribuíssem para o bem estar dos visitados. No curso do trabalho, a opção foi pela visitação ao público adulto e idoso internado em hospitais públicos e asilos, assim como a atenção aos profissionais da saúde, desde a portaria até a direção da unidade, uma vez que as crianças, via de regra, recebiam mais atenção – e assim o é até os dias de hoje – por parte de trabalhos com propostas similares. Partindo da figura do palhaço, mas também contando com recursos da contação de histórias, música, poesia, artes cênicas e o diálogo interessado – formas ancestrais de comunicação –, foram sendo experimentados e

colecionados momentos capazes de compor uma religião comunicacional, ou ainda, uma comunicação religiosa. A união dos termos se dá a partir de seus sentidos literais, em especial em se tratando da religião, cujo sentido essencial é religar, aproximar, colocar em contato.

Em julho de 2002, contando já com três programas sociais em processo de desenvolvimento (programa de rádio, visitação hospitalar e palestras solicitadas a partir do interesse despertado pela veiculação semanal do programa de rádio), a organização foi oficialmente criada. Apostando na comunicação animada, ética e competente, aproximadamente cinco milhões de pacientes, em centenas de hospitais de todos os estados brasileiros e outros seis países americanos, já foram visitados pelos mais de 1.500 voluntários que já foram treinados pela organização no curso do tempo, assim como milhares de pessoas continuam sendo visitadas mensalmente. O norteador de cada passo foi a busca contínua pela excelência no fazer comunicacional, procurando, criando e aproveitando cada oportunidade para aprimorar as relações humanas por meio da ética.

Para manter e ampliar essas atividades sociais, os diretores da organização decidiram-se pelo caminho da autossustentabilidade, pela criação de uma empresa privada que presta serviços (palestras, oficinas e assessorias) a outras empresas, especialmente em temas relacionados aos programas sociais do Canto Cidadão. Assim, o conjunto das atividades remuneradas realizadas permite o investimento social contínuo e crescente, sendo que os balanços financeiros das duas organizações encontram-se sempre disponíveis à consulta de interessados, a fim de que o formato escolhido tenha a transparência necessária nesse tipo de relacionamento.



Antes de passar aos textos escritos ao longo de minha trajetória, alguns outros elementos, também em forma de depoimento, serão apresentados, por trazerem consigo relações diretas com a decisão de fazer e investigar continuamente as possibilidades de se sensibilizar e sensibilizar outrem no que tange à utilização da comunicação como instrumento potente de proteção e valorização da vida.

O nome do grupo de palhaços que o Canto Cidadão criou e mantém se chama Doutores Cidadãos. Mais do que proporcionar o sorriso e momentos bem humorados nos locais visitados – objetivo que por si só já é considerado por muitos como de alta relevância social –, os voluntários do programa estão em busca daquilo que já foi apresentado como o enunciado de cidadania para a organização, ou seja, alegrias coletivas que podem ser construídas e defendidas por gente talentosa apaixonada por bons encontros. Dentro do grupo, o nome do personagem que eu vivo é Dr. Raviolli Bem-te-Vi, e foi por meio dele que um sem número de experiências marcantes foram experimentadas, sendo que uma delas chega com força neste momento.

Logo no início do trabalho dos Doutores Cidadãos, enquanto o grupo ainda era formado pelos seus dois fundadores, lá pelos idos de 2002, o Dr. Raviolli visitava semanalmente um importante hospital público da cidade de São Paulo. Boa parte dos pacientes estava em tratamento contra a leucemia, degustando doses diárias de embates homéricos pela vida. Naquele cenário, a presença de um personagem palhaço poderia se revelar inócua, especialmente se não houvesse uma entrega sincera às oportunidades observadas ou criadas. Aliás, este depoimento e possivelmente todo este trabalho tratam do aproveitamento de oportunidades em função das necessidades apresentadas e, afinal, da possibilidade de construção

de mais beleza e nobreza a partir da busca pela excelência em encontros intersubjetivos.

Voltando ao depoimento, recorde que, em um determinado quarto, três pacientes estavam internados. De acordo com informações previamente conquistadas com a equipe de enfermagem, os três estavam em um tratamento de longo prazo sem, no entanto, o apoio de visitas externas. A partir dos primeiros contatos estabelecidos, algumas noções da dinâmica social daquele quarto foram se revelando. Dois dos pacientes eram já senhores idosos, porém não tão idosos quanto o terceiro. Foram exatamente esses dois mais jovens que demonstraram imediata aprovação pela proposta da visita animada. A partir do momento em que perceberam que não era um erro de quarto – uma vez que muitos pacientes adultos acreditam que o palhaço esteja perdido no hospital, em busca das crianças –, iniciou-se uma relação bastante fluente, alegre e saudável entre o visitante e dois dos habitantes daquele espaço de esperanças. O terceiro integrante do quarto, aquele bastante mais idoso que os outros, mostrou-se distante e reticente desde o início, sendo que a cada nova visita do Dr. Raviolli ele observava a sua chegada e prontamente se recolhia, virando de lado e se cobrindo com o lençol branco e desgastado, que possivelmente já cobrira tantos outros corpos enfermos.

As visitas semanais foram se acumulando sem alteração de sua característica central: dois pacientes aceitando cada vez mais a proposta dos Doutores Cidadãos, que antes de buscarem o espetáculo artístico buscam a construção de laços entre humanos, e o terceiro permanecendo em sua postura isolacionista. Certo dia, ao chegar ao quarto, o Dr. Raviolli teve uma surpresa: apenas um dos pacientes estava lá, uma vez que os outros tinham sido deslocados para a realização de exames rotineiros. Para constrangimento do

palhaço, o presente era exatamente o mais arredo dos anfitriões. Naquele momento, imaginando que o senhor estivesse dormindo ou que não tivesse percebido a sua chegada, o visitante tomou uma decisão inesquecível. Na ausência de sua plateia cativa, do terreno confortável onde brotavam sem esforços a comunicação e a empatia, a atitude tomada foi também a busca pela ausência a partir da incomunicação. Pé ante pé, iniciou uma saída silenciosa do quarto, buscando evitar o contato com aquele que durante tanto tempo o ignorara. Quando já estava de costas e cruzando o batente da porta, o paciente finalmente decidiu se dirigir ao Dr. Raviolli:

— Ô, menino!

Congelado por aquele flagrante, o palhaço se virou timidamente e começou a balbuciar uma resposta de palavras desencontradas:

— O senhor está acordado? Poxa vida, eu não falei nada porque imaginei que o senhor estivesse dormindo e eu não queria incomodar. Sabe como é...

Serentemente, o senhor me interrompeu e pronunciou, com uma voz que indiciava uma fraqueza que ia além da debilidade física, palavras afirmativas e interrogativas que até hoje inspiram em mim importantes reflexões:

— Você sabia que eu não estava dormindo. Você estava desistindo de mim?

Pego novamente de surpresa, Dr. Raviolli ameaçou organizar justificativas – as quase sempre presentes justificativas para os desencontros cotidianos –, porém não teve como disfarçar a sua culpa. O personagem, ou ainda, eu, estava, sim, desistindo daquele paciente, motivado por um conjunto de fatores, bem provavelmente

capitaneados pela preguiça e vaidade, que tanto podem afastar o humano da excelência pela falta ou pelo excesso, respectivamente.

O senhor convocou o Dr. Raviolli de volta ao quarto, pedindo a ele que se aproximasse.

— Um pouco mais perto, complementou.

Após atender ao pedido, ficou claro para o Dr. Raviolli que o senhor demonstrava sinais evidentes de cansaço. Talvez um cansaço mais anímico do que físico. Ele pediu ainda mais proximidade, sendo novamente atendido. Quando o palhaço estava bem próximo ao leito, o senhor esticou o braço e segurou firme na gravata colorida do visitante. Após o susto inicial causado pelo gesto veloz, veio a percepção da gentileza embutida na ação, que tinha o propósito único de construir ainda mais proximidade. Pela fraqueza da voz e a difícil conversão de palavras em orações, parecia que há tempos aquela pessoa não tinha para quem contar o que quisesse e precisasse contar. Foi então que o senhor começou a relatar uma parte da sua história:

— Menino, há vinte anos a minha família me deixou. Acho que fui um bom pai, mas um pai que não teve a chance de ver seus netos crescerem. Isso me fez perder o encanto pela vida. Há vinte anos moro em um asilo. Há vinte anos ninguém me pergunta quem eu sou e de onde eu venho. Há vinte anos ninguém se interessa pela minha história, pelo que eu penso da vida e o que da vida me mete medo. Parece que eu não vivi noventa anos, porque quando a gente para de contar a nossa história, parece que ela escapa pelos dedos, feito grão fino de areia. E aqui no hospital, nos últimos três meses, bem perto do meu momento de despedida, você me visitou e perguntou, com um sorriso no rosto, tudo o que ninguém me perguntava há mais de vinte anos.

Naquele momento, o Dr. Raviolli não se deu conta da questão do período de visita citado pelo senhor. No entanto, verificando depois as folhas do calendário, foi possível perceber que ele estava rigorosamente certo, pois tinham sido exatos três meses de visitas semanais. O senhor continuou o seu relato:

— Menino, você é o meu primeiro contato com o céu. E vai prometer para este velho que nunca, nunca mesmo, vai parar de levar essa dignidade para gente como eu. A simplicidade das suas visitas me colocou em contato de novo comigo mesmo. Se eu não respondi a você durante todo esse tempo, é porque antes eu precisava conversar comigo mesmo. Vai com Deus, menino. Eu estarei com Ele daqui a pouco e vou dizer que você está fazendo um bom trabalho. Corre o risco Dele te promover, hein!

Ao dizer esta última frase, o senhor abriu a boca de poucos dentes em um sorriso trigueiro. Dr. Raviolli e eu, personagem e pessoa, saíram de mãos dadas do quarto aos prantos por dentro. Lágrimas de existência. Passando pelo mesmo corredor uma hora depois, este autor viu o corpo daquele senhor coberto por um lençol. A enfermeira responsável mirou os olhos do palhaço e assentiu respeitosamente, como em um ritual litúrgico, ciente de quem havia sido o último a estar com aquele senhor. Ele havia partido para um lugar desconhecido. Eu também parti naquele dia; parti muito diferente do que cheguei, pois havia sido resgatado por um anjo caído, em seus últimos momentos de vida, fisicamente decrépito e socialmente abandonado. Pobre em diversos sentidos, aquele senhor ofereceu a mim, por intermédio do Dr. Raviolli Bem-te-Vi, uma lição de valor inestimável: quando, em uma situação envolta por necessidade e responsabilidade, opta-se pelo abandono da oportunidade em função de dificuldades iniciais e distrações éticas,

pode-se alimentar um desperdício de potencial em termos de encontro humano.

O episódio relatado reforçou o compromisso de adotar como farol a busca por todo o potencial da comunicação, evitando o seu desperdício, uma vez que ela traz consigo o poder cuidador da construção de encontros essenciais para a dignidade humana. Se essas e outras histórias vividas na execução do trabalho de palhaço, palestrante, produtor e apresentador de programa de rádio, ou seja, comunicador social, em hospitais, asilos, escolas, organizações sociais, comunidades carentes em diversos aspectos, vêm cumprindo o papel de reforço do compromisso individual de comunicar de forma nutritiva, este autor também vem investigando quando e onde essa chama foi despertada. Outra inquietação que chega regularmente: é possível contribuir decisivamente para despertar essa chama no outro? Se é possível, como fazer cada vez mais e melhor? Pelo menos em se tratando da primeira inquietação, ou seja, onde e quando este autor crê que despertou para a ética dos bons encontros, a resposta mais fortemente sentida une etimologia, afeto e valorização de talentos.

O que mora em nós? Do que somos feitos? Qual é a nossa casa primeira? Perguntas impertinentes que a passagem dos anos veio conduzindo ao meu porto. Papo complexo, amplo e infinito em possibilidades. Ou ainda, papo manso, simples, próximo e palpável. Quem quer defini-lo? Em vez disso, vence o desejo de comemorar algumas descobertas particulares a respeito.

Há algo que vem sendo compreendido em relação às perguntas apresentadas sobre a casa, ou ainda, o local de nascimento de cada um. A palavra *ethos*, filha do grego arcaico, significava a morada do humano em dois sentidos, literal e simbólico. Cada vez mais se amplia o desejo de celebrar a casa primordial e o que por lá foi

aprendido. Tem um forte sentido o encontro do significado da palavra ética com o núcleo social mais próximo, ou seja, a família, os amigos, a escola e a comunidade em geral. É comemorável a herança ética recebida por este autor dos seus pais, gente de fibra, humildade e honestidade. Ao citá-los, envolvem-se também os avós, bisavós, tataravós e todos os outros ancestrais. Possivelmente como a história dos antepassados de quem lê este texto, os deste autor viveram dificuldades graúdas, em terras estrangeiras e por aqui também, imigrantes oriundos do Líbano, Itália e Portugal. Trabalho, mais trabalho e muito mais trabalho. Ética como combustível, não como acessório. A disposição para encarar os desafios parece fazer parte do espólio deixado. Cada vez que sinto que isto está acontecendo no dia-a-dia, recebo o prêmio máximo: o abraço afetuoso do sentido de existir e o calor da cozinha de casa.

Impulsionado por um misto de gratidão pelos presentes recebidos e pelas conquistas engendradas, senso de responsabilidade e curiosidade (certa coceira que motiva a verificar possíveis oportunidades ainda não aproveitadas ou que poderiam ser melhor aproveitadas), reuni neste livro alguns textos que escrevi ao longo de minha caminhada. Basicamente, eles tratam da vontade de se fazer bons encontros, por meio de sentimentos, reflexões e práticas em busca de coerência entre si.





# Alegria no Caminho

O caminho me espera. Eu quero caminhar! Mas, antes, preciso me preparar. O que eu realmente preciso levar em minha mochila? Como eu posso cuidar de mim para poder caminhar mais e melhor? Aliás, antes de tudo, por que eu quero caminhar?

Bom, primeiro porque eu sou um bípede. E bípede é o ser que caminha sobre duas pernas. Provavelmente você, que neste momento lê estas palavras, também seja um bípede. Assumindo que os leitores sejam humanos, uma vez que são bípedes e podem ler um texto, vale lembrar que a história de nossa espécie tem relação direta com o fato de caminharmos.

A evolução de nosso cérebro, que tantas experiências e oportunidades, boas e ruins, vem nos proporcionando ao longo dos tempos, também está ligada à possibilidade de nos equilibrarmos sobre duas pernas. Com as mãos livres, começamos a criar coisas e a desenvolver a nossa capacidade de raciocinar, construindo pouco a pouco a diferença em relação a milhares de outras espécies animais. Se estamos fazendo bom uso de nosso poder criativo, daí já é outra história. Pedindo desculpas pela ousadia de querer explicar três milhões de anos em algumas frases, o ponto importante aqui é lembrar que nossos ancestrais provavelmente só sobreviveram aos imensos desafios pelos quais passaram porque eles caminharam.

O movimento parece estar impregnado em nosso DNA. Somos,

essencialmente, exploradores curiosos. Um exemplo claro são os antigos navegadores. Cruzaram mares desconhecidos, arriscaram suas vidas pelo desejo de desbravar novas terras. Lembro-me do português José Régio, que diz em sua poesia “Cântico negro”: “se vim ao mundo, foi só para desflorar florestas virgens, e desenhar meus próprios pés na areia inexplorada! O mais que faço não vale nada”.

Mas como os navegadores estão muito distantes de nós, proponho outro exemplo: uma criança bem pequena. Você já reparou como ela é curiosa? Logo nos primeiros meses começa a expressar sua vontade de movimento. Rola no colchão, se arrasta, engatinha, até que, enfim, dá os primeiros passos. Instáveis, tortos, temperados por infinitos tombos, mas corajosos. A criança pequena está atendendo ao chamado da natureza: caminhar rumo ao futuro. Cheia de curiosidade, os bebês se espantam com tudo. Vivem de pura filosofia, uma vez que a base de qualquer aventura filosófica é a capacidade humana de se espantar com as coisas da vida. Quando a curiosidade e o espanto enfraquecem, o ser humano perde a vontade de caminhar. Como se as suas asas tivessem sido brutalmente arrancadas e as notas do seu canto roubadas, o indivíduo troca a imensidão do céu por um pequeno espaço no canto de um ninho qualquer.

O que mais me chama a atenção é um detalhe muito curioso desse processo de perda da curiosidade: na maioria das vezes não são os outros que arrancam as nossas asas de uma só vez. O que acontece é um lento e progressivo abandono de nossa capacidade de voar, ou ainda, caminhar, fazendo com que a nossa musculatura inventiva, nossa natureza mais essencial, seja atrofiada. Parece muito mais uma questão de escolha individual, ou seja, de dentro para fora, do que uma imposição do ambiente externo. Aqui entra o papel do

compromisso individual com o caminho que escolhemos. Até porque algo está claro pra mim: se eu não abraço o meu destino e sigo em direção a ele, um outro destino qualquer provavelmente vai me arrastar pelos cabelos, em alta velocidade. Para onde? Para onde?

É hora de caminhar! Sinto-me pronto. E mais: sinto-me com vontade de lançar meus passos na estrada inexplorada! Última inspiração antes da transpiração do caminho: prometo a mim mesmo, em respeito a mim, a quem me ensinou a andar e a quem me deu o presente da vida, a sempre me lembrar aonde quero chegar. Prometo, ainda, ter a humildade de parar quando eu perceber que estou em alta velocidade, mas na direção errada, diferente daquela que meus valores e sonhos sugerem. Só quero velocidade se eu estiver com a espinha ereta, a cabeça erguida, um sorriso largo e o coração aberto por reconhecer que estou na direção em que acredito. Caminhante, não há caminho. O caminho se faz ao caminhar.



# Minha Escolha *Clown*

*Utilizo a palavra clown como um sinônimo de palhaço.*

Ulalá! Motivo quente de celebração. Queima, queima, revela mente. Arde, arde, revela coração. Uma pirueta, duas piruetas, bravo, bravo!

As piruetas da minha escolha *clown* bagunçaram o meu coreto e me fizeram questionar o mundo pé-no-chão. A bravura da minha escolha *clown* me fez acreditar que não existe uma única resposta para cada desafio da vida, assim como me apontou o caminho da coragem de ser, do direito inalienável que me foi dado quando eu nasci de seguir em busca do meu destino a cumprir. As piruetas são os meus mapas; a bravura, o meu combustível.

Lindas piruetas para grandes desafios. Elas me deixaram e me deixam cada vez mais tonto, colocando o meu mundo de cabeça para baixo, pernas ao vento, frio no estômago. Também pelas piruetas torci meu corpo como nunca antes, descobri a delícia de expandir horizontes, sonhar alto, fundar mundos, desafiar o tempo e a morte. A escolha *clown* me faz criar no mundo, e quando eu crio me aproximo do divino. Apesar da primeira pessoa empregada amiúde neste texto, quero lembrar que estas experiências são possíveis e necessárias a todos. A escolha *clown* é um caminho para todos, até porque não se trata de representar o que não se é, mas sim de se revelar em sua potência plena. Para tanto, há de se des-

formar. Atenção, pois eu não escrevi deformar. Eu escrevi desformar.

Eu brinquei de Lego comigo mesmo, fui me desmontando a partir do momento em que a música *clown* invadiu o local sensível da minha alma, onde mora a bondade e a espontaneidade. É disso que se trata, inclusive, a educação humana: construir bondade e permitir a explosão da espontaneidade singular por meio dos talentos. Mais música, mais música! Depois de me desmontar e ficar apavorado ao ver todas aquelas peças espalhadas pelo chão frio da existência, fiquei ainda mais apavorado. Desespero ao cubo! Desespero por ver cubos, quadrados, triângulos, círculos e tantas outras formas de mim mesmo atrofiadas pela repetição. Se eu vacilasse naquele momento, elas voltariam a compor a mesma forma, elas se reformariam. Eu não precisava de reforma, mas sim de uma nova forma. O desespero alimentava animais alados em meu estômago. Eles voavam para todos os lados, provocando uma revoada de sensações. Eu ouvia gritos internos e externos, não sabendo eleger quais deles me aturdiavam mais.

Os gritos de fora, opiniões, conselhos e críticas alheias, eram provas do quanto me amavam. Gostavam tanto de mim que não entendiam os porquês de meus questionamentos, propostas de mudança. Tudo o que diziam ou deixavam de dizer era por amor, especialmente ao que eu já era, como fato certo. Os outros não sabiam o que eu poderia vir a ser, o que naturalmente lhes causava certa apreensão. Felizmente, a oxigenação ampliada que a pirueta gerou em minha alma e a ingestão da bravura *clown* me iluminaram: os outros não nos conhecem verdadeiramente. Eles conhecem aquilo que eu demonstro e aquilo que querem que eu seja. O compromisso real é meu. A existência é minha. A conta devia ser paga por mim, pois o

cardápio estava à minha mão e eu estava sentado na principal cadeira da minha própria mesa. Escolhi o banquete *clown*.

Os outros, quero parar de falar neles por enquanto. São convidados em alguns momentos em nosso jantar. Contudo, a mesa é nossa, a cozinha é nossa, o estômago para dar conta do ingerido depois também o é. O cardápio mistura aquilo a que nos expomos com aquilo que criamos, o mundo de fora e o mundo de dentro. O *clown* me ensinou a arte de temperar melhor meus ingredientes, ampliando o sabor e a estética daquilo que engolirei. Hoje em dia, até na hora de engolir sapos, tenho muito mais prazer. Sei que aquilo que não me destrói me eleva, porque a minha escolha *clown* me faz a cada dia um perdedor feliz.

Avestruz! Agora mexi no vespeiro. Epa. Tomara que a avestruz não esconda a sua cabeça em um vespeiro. Hein? Mas vespeiros não estão no chão, mas em copas de árvores e afins. Ufa! Sorte da avestruz. Voltando ao assunto que encerrou o parágrafo anterior (recurso “cenas do próximo capítulo” da redação), que história é essa de ser um perdedor feliz? Sim, hoje eu posso confessar sem pudor ou medo de ser internado que aprendo muito nas minhas dificuldades, derrotas, desventuras ou como queiram classificar as oportunidades nas quais as coisas não afagam nossas expectativas. Minha escolha *clown* me libertou da caverna escura onde só existe lugar para *winners* ou *losers*. Detalhe: inserir verbetes em idioma estrangeiro dá pompa e circunstância a qualquer texto. Basta prestar atenção nas músicas. O cantor ou cantora podem estar falando a maior asneira cafona e tosca da galáxia, mas se estiver em inglês ou francês soa como uma ária perfeita aos nossos tímpanos deslumbrados. Após este momento autocrítico, faço um ajuste, voltando à caverna de onde fugi. Quando eu disse que lá dentro cabem apenas *winners* ou *losers*, reforço dizendo que lá dentro só

há glória na vitória porque as derrotas são vergonhosas. Hoje eu tenho orgulho dos meus fracassos, pois eles desnudam os aspectos que ainda me afastam da plenitude dos meus talentos.

Falar de minha escolha *clown* é uma delícia. Cabe até uma segunda taça de vinho tinto. Curiosamente, o nome do vinho é Frontera. Não me cabe fazer propaganda, mas não resisti à provocação que o nome me causou. Coçaram-me os dedos quando eu percebi que eu estou brindando estas reflexões com um néctar cujo nome trata exatamente do assunto em questão. Romper fronteiras, inaugurar novos países e povos de nossa alma. Que venham as novas terras, planaltos e planícies. Mas por favor, retire do meu pedido as fronteiras. Não quero este pickles no meu sanduíche. Quero um sanduba sem fronteiras como as conhecemos. A minha única linha divisória atual é o profundo respeito à vida, que busco ampliar temperando o conhecimento com a ética. Aí sim, acredito que esteja o caminho, pois me permite gerar sabedoria. A verdadeira fronteira entre o humano e o tirano é a sabedoria. Ela é fruto nobre, pois não se encontra entre gente vulgar.

Voltando à caverna, percebo que ela pode exercer fundamental papel metafórico, afinal, o mito tão conhecido e herdado da sapiência platônica trata exatamente da coragem de ser, chegar à beira do trampolim e escolher saltar em direção ao voo, ainda que exista a possibilidade da queda. Eu celebro o fato de ter rompido os grilhões e encarado a luz verdadeira, a luz de Apolo. Até hoje o brilho das possibilidades que a escolha *clown* me trouxeram ofusca a minha visão. Até hoje as cores que eu passei a enxergar inundam a minha retina em uma explosão de fogos de artifício que queimam preconceitos e generalizações. Até hoje, e oxalá esta sensação se prolongue por todos os meus dias, sofro e comemoro o acréscimo crescente de sensibilidade que experimento desde os tenros dias de



minha caminhada *clown*. Choro muito mais, especialmente de emoção frente ao belo. Choro muito mais, também pela confirmação de que ainda temos muito a aprender, sendo as provas as barbáries e desrespeitos tão fáceis de ver no dia a dia.

Se o Bill Gates ficou trilhador criando o seu Windows, o meu *clown* me fez perceber, construir e abrir, além de janelas, portões e pontes. Eu também fiquei mega-hiper-blaster-ultratrilhadoríssimo! O que muda são as moedas. Hoje sou muito mais rico em se tratando de interações nutritivas e gostosas com o mundo. Hoje eu posso afirmar que entendo quando dizem que o importante não é buscar desesperadamente e a qualquer custo todas as respostas. Hoje eu sei que o maior desafio é melhorar a qualidade das minhas dúvidas. Evoluir é tornar as minhas perguntas mais inteligentes, especialmente porque estão conectadas com alguma dúvida realmente importante para a minha caminhada. Fico triste quando vejo gente buscando respostas para perguntas que nem se lembram mais quais são. Normalmente isso acontece quando a gente não se apropria da pergunta, mas sim a reproduz porque alguém mandou ou sugeriu. Perguntas enlatadas geram respostas frias e que não nos espantam. Minha escolha *clown* ampliou a capacidade de me espantar com as coisas da vida, nutrindo a minha curiosidade, meu impulso vital de aprender e experimentar. Quero manter para sempre os olhos interessados, até por ser a única forma de me tornar interessante de alguma maneira e para alguém. O interessado se torna interessante. Será esta a frase do para-choque do meu caminhão. Afinal, quem não sonha em ter um caminhão?

Eu não queria, não, mas vou terminar o texto. Na verdade, pensando e sentindo melhor, quero encerrar, sim. Até porque ainda vou dedicar muitas outras páginas a esta escolha de vida, nitroglicerina pura! Buuummm!!! Vou me retirando aos poucos,

mas não sem antes prestar algumas homenagens. Eu amo o Mario Quintana, especialmente em momentos nos quais ele transforma as palavras em chaves libertadoras. Ele me disse assim: “estes que aí estão, atravacando o meu caminho, eles passarão, eu passarinho”. Eu amo José Régio quando ele diz “que não me venham com piedosas intenções, que não me peçam definições, que não me digam vem por aqui”. Eu vou pelos meus próprios caminhos, cada vez mais iluminados pelas lentes que a escolha *clown* me deu e continua dando. Parece uma coleção de lentes, unidas exclusivamente pela busca pelo nobre, belo e justo. Eu não quero ser o piadinha de plantão. Não é disso que se trata o *clown*, a despeito do que muitos acreditam. É muito mais sabedoria que bufonaria. A comédia é uma estratégia muito inteligente e saudável de cavucar ao centro da existência humana, polindo sua pérola e transformando carvão em diamante. Por isso os grandes *clowns* são eternos, por serem diamantes. Só me interessa ser eterno pelos sorrisos que cultivei. Só tudo isto!

Não tenho receitas. Não aceitem receitas. Aceitem provocações, como eu aceitei. Mergulhem nas dúvidas, como eu mergulhei. E arrematando com a linda Lispector, “não se preocupe em entender, viver ultrapassa todo entendimento”. Não estou preocupado em entender, mas exatamente pela ausência desta avidez que pode cegar eu vou conseguindo encaixar as partezinhas de minha compreensão das coisas. E o melhor de tudo é que se eu precisar des-formar tudinho para começar novamente, estou pronto para fazê-lo, pois mora de papel passado em minha alma a paixão pelas piruetas e bravura da escolha *clown*.

## Pra Onde Vão as Bolhinhas de Sabão?

Filosofar é sempre bem-vindo. Quando o cenário é uma praia e a companhia é uma criança, a fórmula fica ainda melhor. Eu e meus trinta anos, minha filha e seus sete.

Depois de comer um milho verde, eu na espiga e ela no prato – o que lhe causou certo constrangimento pela evidente falta que alguns dentes da frente fazem –, caminhávamos pela praia, desafiando São Pedro e sua mania de fazer chover aos domingos.

– Papai, faz bolhinha de sabão para eu pegar?

Sacando o pequeno frasco de meu bolso, atendi ao singelo pedido. Ventava, o que tornava o desafio ainda maior. Cada rajada de bolhinhas saía sem rumo, espalhando-se fartamente. Mesmo assim, ela corria, corria e corria ainda mais. O sorriso em seu rosto a fazia saltar bem alto, trombando com as bolhinhas de forma entusiasmada.

– Pra onde vão as bolhinhas de sabão, papai?

Uma pergunta despreziosa, palavras sopradas em meio a um sorriso tão banguela que dava vontade de sorrir junto, da alma para o mundo.

– Pra onde vão as bolhinhas de sabão, papai? – A pergunta sobreviveu ao meu descaso inicial, ganhando ares pretensiosos por

meio de uma tremenda figura de linguagem, metáfora inocente daquelas que mexem com a gente. Minha filha queria uma resposta urgentemente.

– Como as bolhinhas de sabão voam? – perguntei, querendo ganhar tempo, imaginando que ela hesitaria por alguns instantes.

– Papai, elas voam com suas incríveis asas invisíveis! – respondeu prontamente.

*Touché.* As bolhinhas de sabão tinham asas. É lógico. Se voavam, era porque algum tipo de asa tinham. Mas se eram invisíveis, como poderia enxergá-las? Ao me perguntar isso, inicialmente cheio de razão, caiu à minha frente um espelho mágico.

– Pra onde vão as bolinhas de sabão? – perguntou-me a imagem refletida.

– Até você? – reagi, de forma firme. – Eu querendo entender a questão das incríveis asas invisíveis e vem você me criticar.

– Não é crítica. É boia de resgate. Agarre-se ou afunde ainda mais. – disparou o espelho.

Decidi me entregar à oferta. Afinal, qualquer ajuda era bem-vinda naquele momento. Minha filha continuava esperando a minha resposta.

– Papai, pra onde vão as bolhinhas de sabão? – ela repetiu, quase sem paciência.

O tempo havia se esgotado e eu não tinha uma resposta. Eu também queria saber, uma vez que a pergunta fazia cada vez mais sentido. Estava evidente que faltava matéria-prima em minha caixa de brinquedos para responder.

– Filha, você pode me dizer para onde vão as bolhinhas de sabão?

Se ela respondesse à pergunta sem pestanejar, acreditando na sua resposta, eu mergulharia naquela água fria.

– Papai, as bolhinhas de sabão vão para onde elas quiserem.

Só não mergulhei porque estava com muito frio, daqueles que vêm de dentro, muito de dentro. A chuva apertou. Coloquei minha filha no colo, abri o guarda-chuva da filosofia e caminhei de volta para casa.

Este episódio ficou em minha cabeça por alguns meses. A metáfora da bolhinha de sabão e o mundo que a criança constrói através dela me fascinaram. Aventuras, expectativas, sorrisos e encontros criados naquela singela brincadeira. Imaginação é mais importante que conhecimento, já dizia Einstein.

Resolvi colocar isso no papel em forma de história infantil. O que acontece quando tiram da criança a possibilidade de fazer bolhinhas de sabão, ou seja, de voarem para onde elas quiserem? Acontece o que estamos presenciando em larga escala em nosso país, com direitos essenciais ainda ausentes para tantos.

Como resgatar a fórmula das bolhinhas de sabão, levada pelos abutres malvados? Aliando-se à educação, alimentação saudável e natureza. A partir deste enredo, a história foi escrita. Fiquei feliz com o resultado. A felicidade, entretanto, durou pouco. O incômodo voltou. Decidi contar a história para mais gente. Transformei-a em uma peça de teatro e pesquisei as formas de tornar sua produção viável. Conheci o Programa de Ação Cultural do Estado de São Paulo, por meio do qual empresas podem destinar parte do ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços) devido a

projetos culturais. Esperança para o meu desejo de levar a peça para milhares de crianças, gratuitamente.

Era a primeira vez que eu trabalhava com projetos desta natureza. Sempre ouvia dizer que somente os bem relacionados conseguiam patrocínio. Após muita persistência e trabalho, veio a surpresa: o projeto foi aprovado e uma indústria alimentícia decidiu patrociná-lo. Em 2008, a peça “Pra onde vão as bolhinhas de sabão?” foi vista inteiramente de graça por 15 mil crianças e outras centenas de professores e convidados de escolas públicas de São Paulo-SP e de outras quatro cidades do interior paulista. Cada espectador recebeu um livro, muitos deles pela primeira vez na vida, levando para casa a história e as possibilidades das bolhinhas. Em 2013, em uma nova temporada absolutamente gratuita, dessa vez por meio da Lei Rouanet, que permite às empresas destinarem parte do Imposto de Renda devido a projetos culturais, a peça será vista por aproximadamente 10 mil crianças de escolas públicas e organizações sociais.

Os conceitos e as palavras têm um poder incrível. Nascem no plano das ideias e emoções e se espalham com a capacidade de sensibilizar, provocar, ilustrar e convidar para a ação, tornando-se embriões das transformações.

Esta experiência com a minha filha e com os filhos de milhares de pessoas me ensinou o sentido real da palavra ética. Ela vem do grego arcaico *ethos* e, depois, do latim *domus*, significando em português a morada do humano, ou ainda, a nossa casa, nossos valores essenciais. A conversa com a minha filha, realizada no contexto familiar, na “minha casa”, expandiu e voou como bolhinhas de sabão para tantas outras casas. Acreditei em Rui Barbosa, que dizia que a “pátria é a extensão da família”. Acreditei também nas últimas palavras da história que escrevi: “certamente

muitos desafios ainda existem, e a melhor solução é sempre fazer muitas bolhinhas de sabão. Enquanto elas nascerem do sopro sincero de vida das crianças – pequenas e grandes – com a liberdade de seguirem seus destinos, indo aonde quiserem, a alegria e a fantasia existirão”.





## Sobre Peixes que Aprenderam a Nadar no Ar

Existe um conto a ser contado. É o conto da Pedra de Caldé. Atenção.

Há muitos anos, no alto de uma montanha que tinha em sua base um grande lago, havia um povoado chamado Caldé. Quando esta história aconteceu, o povoado estava assentado sobre um pedaço de pedra frouxa, que a cada dia deslizava um pouco rumo ao precipício. O povo que ali morava era esplêndido e tinha um campanário, uma torre fortificada e um grupo de casas, uma depois da outra. Este povoado desapareceu no século 15.

Certo dia, camponeses e pescadores começaram a alertar os moradores de Caldé que tudo estava deslizando, e que se eles não tomassem uma providência em pouco tempo despencariam precipício abaixo. Mas os habitantes lá do alto não queriam escutar ninguém, e ainda riram e fizeram troça daqueles que os tentavam alertar. Eles diziam que não eram bobos, e que estava claro que era um plano para assustá-los, fazendo-os abandonar o povoado. E então as suas casas e terras ficariam a mercê de quem quisesse tomá-las.

Eles continuaram sua vida lá no alto, cultivando sua uva para o vinho, semeando seus campos, casando-se e tendo seus filhos. A população aumentava continuamente, e eles sentiam a pedra se movimentando sob seus pés, mas estavam decididos a não pensar

no assunto. O senso comum era que a pedra estava se assentando, e que isso era bastante normal. Entretanto, a grande placa rochosa estava prestes a se unir ao lago. Os moradores vizinhos alertavam continuamente o povo de Caldé, apontando que a água já estava batendo em suas canelas, e que não cessaria até afundar completamente tudo e todos. Eles respondiam que toda aquela celeuma era tolice. Aquilo tudo deveria ser apenas um pouco de umidade. Insistiram nesta teoria até que tudo foi parar no fundo do lago, tragado pelo movimento que se apresentara sem cerimônia há tempos.

*Gurgle... Gurgle... Gurgle...*

Valente, o padre continuou recebendo a confissão de uma senhora: “Animus... Santi... Guurgle... Aame... Gurgle”. A torre desapareceu, o campanário afundou integralmente. Tudo, sem exceção, foi por água abaixo.

Ainda hoje, conta a lenda, que se alguém olhar para dentro do lago e, naquele momento, um relâmpago iluminar tudo, será possível ver o povo de Caldé totalmente submerso, com as suas ruas intactas e os seus mesmos habitantes caminhando por todos os lados, repetindo que nada havia acontecido. Um peixe estaria nadando daqui para lá e de lá para acolá bem em frente aos seus olhos, mas eles diriam calma e assertivamente que não havia motivo para preocupações, pois aquele peixe deveria pertencer a alguma espécie que aprendeu a nadar no ar. Não era motivo para preocupações.

Aaaaaatchim! Alguém aí sente alguma umidade no ar?

Quantos de nós sentem o chão mexer sob os nossos pés? Quantos já criaram argumentos e teorias para justificar a movimentação que poderia gerar angústia e incômodo? Tem muita gente com a água

para cima das canelas. E tem também gente gritando para nos avisar. O palhaço é um ser que grita continuamente.

No ano de 1221, o imperador Frederick II da Suábia – região histórica da Alemanha – publicou uma lei que declarava que qualquer pessoa poderia cometer violência contra os bufões – uma espécie de palhaço da Idade Média – sem estar sujeito a castigo ou sanções. A lei permitia até mesmo o assassinato impune de bufões. Qual a origem de tamanho desprezo e ódio por parte de alguém que representava a classe dominante pela figura do palhaço? O seu potencial transgressor. A sua teimosia em apontar as hipocrisias da vida pública e privada, e tratar delas com uma linguagem acessível e irreverente, que cativava a atenção das pessoas. Afinal de contas, o palhaço vem acreditando (e praticando) ao longo dos séculos que o seu maior desafio é estar pronto para desconstruir tudo o que foi aprendido como certo e verdadeiro, estando permeável ao novo, ao contraditório, à alteridade e à possibilidade do ajuste da caminhada.

Poucas vezes na história da humanidade o diferente se faz tão necessário quanto nos dias em que vivemos. A ONU (Organização das Nações Unidas) informou que 34.542 civis foram mortos em 2006 na bestial invasão ao Iraque. Outros 36 mil civis ficaram feridos. Estatísticas menos precisas indicam que pelo menos 20 mil pessoas morrem todos os dias no mundo por falta de condições mínimas de sobrevivência. Cálculos desprezíveis: somente os mortos no Iraque no ano citado representam mais de dez atentados ao *World Trade Center*. Aqueles que morrem todos os dias por falta de condições representam outros sete a oito atentados diários. Tudo bem em frente aos nossos olhos. São peixes que aprenderam a nadar no ar. Só que não nadam em ares estadunidenses, e talvez, portanto, não causem tanta comoção.

Quanto mais tenso o mundo fica, mais necessários são os palhaços.

E para quem pensa que o papel do homem ou da mulher de narizes vermelhos, rostos coloridos e sapatos grandes é superficial e limitado, e ainda, desprovido de interesse coletivo, muita atenção: por volta do ano 300 AC, o imperador chinês Shih Huang-Ti promoveu a construção da Grande Muralha da China. Milhares de trabalhadores foram assassinados ou morreram de cansaço durante a sua construção. O imperador planejava também ordenar a pintura do muro, o que certamente provocaria outras milhares de mortes. O bufão da corte, Yu Sze, foi o único que se atreveu a criticar o plano do imperador. Valendo-se de gozações e gracejos, conseguiu dissuadir o imperador de sua ideia de pintar o muro. Yu Sze é recordado até hoje na China como um herói nacional. Hoje são tantas muralhas construídas e em construção. Todas coloridas, enceradas e polidas. Está na hora dos heróis.

Casas, ruas, bairros, cidades, países e planeta carecem de narizes vermelhos. E eles brotam de uma aliança entre alma, coração e cérebro. O Pequeno Príncipe de Saint-Exupéry é um pequenino palhaço. Sua receita é simples e transformadora: logo quando acordar, faça a sua toailete. Depois, saia para fazer a toailete do planeta.

Afasto de mim este cálice de vinho tinto de sangue. Coloco um nariz vermelho, a menor máscara do mundo, a que menos esconde e a que mais revela, e vou fazer a toailete do mundo. Vamos?

*Este texto é dedicado a Dario Fo, autor e palhaço, ganhador do prêmio Nobel de Literatura em 1997.*

## À Beira do Trampolim

Quantas vezes caminhamos nossos passos e, ao final de um punhado deles, chegamos à beira de um trampolim? Tal constatação nos coloca em um interessante estado reflexivo: pular ou não pular?

A dúvida é a antessala da decisão, que, por sua vez, é a força motriz das conquistas. O momento que se estabelece ao final do trampolim está visceralmente ligado aos nossos sonhos. Afinal, conquistas são sonhos presenteados com prazo final e ação empreendedora.

Toda e qualquer hesitação frente ao horizonte exposto é respeitável. Estar diante do vazio material, do mar aberto, excita em nós instintos ancestrais, parte deles puxando para o freio cauteloso da inércia, e outra parte para a propulsão impetuosa do movimento. Se pularmos do trampolim, podemos cair, mas também podemos voar. O que distingue o voo da queda? A crença no valor da obra.

O conceito de obra é vasto, ventre que acolhe diversos filhos. Nesta tese, todavia, entendamos obra como o resultado de nossas ações, partindo das pequenas e chegando às grandes. Vale a pergunta intrigante: quais são as mais importantes? As pequenas ou as grandes ações?

A qualidade do que fazemos está intimamente ligada ao interesse que temos pela nossa obra. Se nos interessamos de verdade, buscamos fazer melhor, ampliando conhecimento e executando com

mais capricho e potência. A vontade é essencial, e o seu alimento é a busca pela sinceridade naquilo que fazemos. Triste é o caminho daquele que aposta mais na velocidade alta do que na direção correta. O animal humano entristece progressivamente ao passo em que se percebe em alta velocidade, mas se distanciando cada vez mais daquilo que deseja para sua vida profissional, pessoal ou social, que, afinal de contas, é uma só.

Immanuel Kant, considerado geralmente o pensador mais importante e influente da era moderna, tem uma contribuição relevante neste momento de nossa argumentação. Ele defende o conceito de “esclarecimento” como a saída do homem da sua menoridade de que ele próprio é culpado. A menoridade, segundo Kant, é a incapacidade de se servir de seu entendimento sem a direção de outrem. Tal menoridade é por culpa própria se a causa da mesma não reside na falta de entendimento, mas na falta de decisão e de coragem de servir-se dele sem a direção de outrem. Ter a coragem de nos servirmos do nosso próprio entendimento! Eis o lema do “esclarecimento”.

Está inspirado, escreva uma poesia.

Está cansado, descanse um pouco.

Está sorrindo, faça alguém sorrir também.

Está sozinho, ligue uma música ou telefone para alguém.

Está com saudades, tome a iniciativa e rompa o silêncio.

Está pensando diferente, defenda seus argumentos.

Está em dúvida, pergunte.

Está vivo, voe.

Ao chegarmos à ponta do próximo trampolim, consideremos as possibilidades que o salto pode nos proporcionar, ou seja, voo ou queda. Cada vez acredito mais que ambas as alternativas promovem melhor desenvolvimento humano do que o eterno esperar. Para

quem finca o pé e opta por observar o vento da vida levar os outros, mas ele não, resta o consolo proposto por Fernando Pessoa: “às vésperas de não partir nunca, ao menos não é preciso fazer as malas”.

Prefiro aquela contagiante música que nos convida de forma animada (ou seja, com alma vibrante) a abrir nossas asas, soltar nossas feras, cair na gandaia e entrar na festa. Qual festa? Aquela que podemos criar todos os dias, mesmo nos mais desafiadores, que acabam se tornando um pouco menos trágicos quando nos lembramos de que viver não é preciso, mas criar é preciso.

Em frente aos trampolins que a vida nos apresenta, a decisão e a coragem são asas que criamos. Quando sustentadas pela estrutura da preparação individual (cognitiva e emocional) e cuidado na relação com os outros, projetam o candidato à posição de ser alado. E este alça voo! Menotti Del Picchia, artista brasileiro, nos convida a voar e a cantar em um dos seus poemas, sob o argumento de que “quem sabe as canções adormeçam as feras que esperam devorar os pássaros? Voa e canta, enquanto existirem as asas!”





## As Roupas que Não Me Servem Mais

Algo comum entre os viventes é acordar e se vestir, especialmente para frequentar o espaço coletivo. Abertura de olhos, espreguiçamento, lavagem de rosto e dentes e visita ao armário. Pronto. Corpos vestidos, mentes nuas, recorrentemente nuas no tecido das ideias. A repetição é a atual palavra de ordem, na profissão, na vida pessoal e na sociedade. Mais do mesmo. Muito mais do mesmo. O ponto não é demonizar levemente a rotina, que pode gerar momentos valiosos de serenidade, mas sim reconhecer a armadilha que conduz à perda da capacidade de criar, pela falta de recreação.

Aquele que dizia que um charuto às vezes é apenas um charuto lançou também proposta em relação ao ato da criação. Dizia Freud que a “ideia é a ação ensaiando”. Em tempos de anestesia coletiva, o agir protagonista é ingrediente central de transformação, a partir da provocação que vem das ideias. Quando este campo deixa de florescer, torna-se concreto, terminando em mais do mesmo. Ruim para a sociedade, que não se envolve e não propõe, vivendo de reclames; ruim para as empresas, que dependem do capital humano para inovarem e se manterem competitivas; ruim para as relações pessoais, que carecem de ideias que afastem a rotina modorrenta. A avalanche de fardos pesa sobre as costas castigadas do indivíduo, que está na intersecção de tudo.

Em Estocolmo, Suécia, aconteceu um experimento pouco acadêmico, mas muito perspicaz e revelador. O desafio da companhia de trens era fazer com que as pessoas usassem mais as escadas normais do que as rolantes. Afinal, estas gastam mais energia e não estimulam a atividade física, além de provocar momentos de tumulto. Eles decidiram, então, tornar as escadas normais mais divertidas. Eureka! Durante a noite, prepararam os degraus como se fossem teclas de piano, com sensores e altofalantes. Cada vez que alguém pisasse um degrau, o som correspondente da “tecla” soaria. O dia amanheceu e os transeuntes suecos começaram a reconhecer na proposta algo valioso. Favas contadas, uma quantidade 66% maior de usuários havia utilizado as escadas normais para subir ou descer. Quantas experiências divertidas fazem parte das escaladas nossas de cada dia?

Se o leão é o rei da floresta, o ser humano é o rei da justificativa. Possível resultante da caminhada evolutiva, a farta distribuição de desculpas é esporte universal. Quase todos em quase todos os lugares são capazes de enumerar argumentos que expliquem a tirania da repetição em vez da libertação pela criação. Compreender as razões é humano, desafiá-las é divino, portanto, necessário. Passo inicial é reconhecer que a criação é um músculo que se atrofia a partir do final da infância e segue este rumo de adulteração enquanto o indivíduo se torna um adulto. No livro “Ponto de Ruptura e Transformação”, George Land apresenta os resultados de testes realizados com um grupo de 1.600 jovens nos EUA. No primeiro teste, as crianças tinham entre 3 e 5 anos, e 98% apresentaram alta criatividade; o mesmo grupo foi testado aos 10 anos, e este percentual caiu para 30%; aos 15 anos, somente 12% mantiveram um alto índice de criatividade. Teste similar foi aplicado a mais de 200.000 adultos, e somente 2% se mostraram altamente criativos. O desenvolvimento da criatividade requer

coragem para abandonar a zona de conforto desconfortável e escapar da caverna de Platão, rompendo as correntes que impedem o pleno uso de nossa capacidade mental.

Mora no ser humano, além do potencial para a repetição que enferruja, uma transgressora lente que reconhece beleza e nutrientes criativos. A lente do olhar generoso, sinônimo de bagagem leve na alma, permite descobrir cenas cotidianamente poéticas. Ela vem pela decisão de encontrar beleza nos recônditos da vida, pequenos encontros relacionais, sorrisos breves e sem jeito, olhares agradecidos, músicas que combinam com o momento, cheiros e sabores que afagam o corpo físico, carinhos simples, textos bonitos e vento na cara. Tudo tão disponível, diariamente.

Quando provarem – no Dia de São Nunca – que o pessimismo e a visão pobre do rancor e do desamor ajudam a suplantar os degraus, pense em aposentar a lente. Por enquanto, não. Que tal deixar para trás as roupas que não servem mais e liberar espaço para a criação recreativa? Até porque, como lembra Adélia Prado, “só pode com a tristeza quem não perdeu a alegria”.



# Memórias de Uma Infância Tantas Vezes Querida

Se eu pudesse querer viver novamente a infância, queria viver a minha própria uma vez mais. Motivo maiúsculo é este: comemorar as memórias vívidas e tão vividas no tempo em que fui menino. Acredito e busco manter vivo aquilo que de melhor a infância plantou em mim. Haja disciplina para regar as raízes mágicas, de mãos dadas com Goethe na reflexão de que “a vida é a infância da imortalidade”.

Surgiu a metáfora do plantio há instantes. Relação direta com a bendita infância, já que passei uma parte dela em um sítio urbano em Cuiabá-MT, minha cidade natal. Na companhia de meus pais e irmão (a minha irmã mais nova chegaria um tempo depois), convivemos nós e a natureza tão intimamente. Subir em desafiadores pés de mangueira, correr com os cães a gritar e a sorrir, atirar pedras em alvos imaginários durante horas, fitar o curso das nuvens, tímidas no céu azul encalorado dos dias cuiabanos.

Tantas lembranças. Sou estas lembranças, parceiras na travessia rumo ao presente imediato, expressão propositadamente redundante. Valho-me da redundância porque acredito que o presente é parte do que vivemos e parte do que estamos vivendo. Cheguei ao agora pelo que fui outrora. Cheguei assim porque escolhi, enfim.

Por isso comemoro mesmo, e muito, a infância original, já que continuo nela (com outra roupagem, preservando ao máximo a essência) rumo à imortalidade. Talvez, e apenas talvez, ser imortal seja caminhar de espinha ereta, mente aberta e sorriso largo pela vida. Assim se faz um caminho imortal, inesquecível à alma nossa e aos que se lembrarão de nossa passagem.

Fui uma criança de espinha ereta. Como eu corri, meu Deus. Corri mais que pé-de-cachorro. Devo ter dado umas dezoito voltas na Terra. Pique-esconde. Pega ladrão! Pega, pega! Pula carniça. Correr, correr, correr! Praticamente um *Forrest Gump* mirim. E o futebol, é claro. Quantos campeonatos eu joguei sozinho na sala de nossa casa. Eu, a mesinha de canto servindo de gol e uma bola de tênis. Muitos gols! De alguma forma, aquelas partidas criadas e jogadas por mim mesmo despertaram com potência o meu poder imagético. Também nos jogos com meu irmão, primos e campeonatos de clubes que frequentei. Ufa... Neles eu senti a afiada lâmina da competição, o que também me fez mais ereto em termos de espinha e atitude.

Tantos amigos e familiares correndo pelo bairro. Por vezes, a espinha se dobrava em momentos de derrota, dúvida ou angústia, mas até estes momentos foram preciosos para a noção de que o desafio do porvir era parrudo, ainda que sedutor.

Além da espinha ereta, a mente aberta. Pela leitura, brincadeiras, amizades, soninhos à tarde, desafios escolares, sonhos de um futuro tão distante, vento na cara na caçamba da camionete do meu saudoso pai, rumo à fazenda, aos banhos de rio, às pescarias... Tantas viagens pelo Brasil com um pai e uma mãe que sempre valorizaram a companhia dos filhos, e lhes apresentaram locais tão bonitos e sentimentos tão sinceros. A mente vai se abrindo como a mais potente das flores.

Santa Rosa. Cidade onde meus pais cresceram e se conheceram. Por coincidência, o nome do bairro onde vivi a maior parte da minha infância. Assim, sorrio ao pensar que de alguma forma a minha infância, rica em tantos sentidos, esteve – e ainda está – ligada à infância de meus pais.

Só posso comemorar a minha infância! O acolhimento de quem cuida da gente nos faz ter segurança, autoestima, coragem. Isso nos apresenta a chave da intrincada morada da mente e seu potencial. Achei a chave na infância, certamente. Hoje continuo visitando os cômodos deste universo mental em constante expansão.

Espinha ereta, mente aberta e sorriso largo. O palhaço que hoje sou é filho dos sorrisos infantis. Todas as situações que acabo de comentar me fizeram sorrir. Serotonina na veia. Pelo jeito não é de hoje que tenho orgulho dos meus dentes separados... Historicamente, venho rindo cada vez mais. Na adolescência me tornei um pouco mais sisudo, vítima das absurdas e precoces cobranças que o jovem adulto sofre. Passar no vestibular, ser o mais bonito, ser o mais legal, arrumar várias namoradas lindas, conquistar um estágio incrível no processo de seleção mais difícil. Ufa! Puxa, que puxa!

Felizmente, os sorrisos da infância cravaram fundo na minha jugular, eternizando – a la Conde Drácula – a minha decisão de sorrir largamente.

Escrever este texto é exemplo de sorrir de orelha a orelha. Visitar a minha infância tão bem vivida e ainda tão vívida é motivo de celebração e muita emoção (muito mais que um típico homem machão deveria sentir)!

Ontem achei em uma caixa de bagunça um antigo CD da Whitney Houston. Como sabemos, ela era uma cantora muito romântica, que falava principalmente sobre relacionamentos afetivos. Todavia, uma das canções dela fala muito sobre a decisão mais importante da minha vida, fruto óbvio da infância que tive. Ela canta (a tradução para o português é minha):

“Eu decidi há algum tempo nunca mais andar nas sombras de ninguém. Se eu fracasso ou tenho sucesso, ao menos vivo como eu acredito. Não importa o que tirem de mim, não podem tirar a minha dignidade. Porque o maior amor de todos está acontecendo para mim. Eu encontrei o maior amor de todos dentro de mim. O maior amor de todos é fácil de achar. Aprenda a amar a si mesmo, este é o maior amor de todos.”

Qual é o sentido de amar a si mesmo? Acredito que a gente só pode dar por muito tempo e com qualidade aquilo que cultivamos dentro de nós. Amor próprio é combustível para o amor *mundi*, ou seja, amor por tudo o que existe e vive.



## A Esfinge e a Paixão

Para impressionar o leitor logo de bate-pronto, ampliando as chances de ter a sua companhia até o final do texto, recomendam os especialistas a inserção de uma afirmação categórica seguida de uma citação potente (obviamente feita por um personagem assaz respeitado). Sendo assim: a vida atual demonstra a cada dia que paixão e saúde são forças indissociáveis; já dizia Hipócrates, o “pai da medicina”, que “o homem que se afasta do seu destino adoecer”.

Uma observação dos relatórios de remédios mais vendidos no Brasil confirma: muita gente opta por caminhar pela vida, por mais acelerada que ela parece ser, de forma anestesiada, apática. Nos citados documentos, o tranquilizante mais vendido em 1998 ocupou a sexta posição da lista; em 2008, um representante dessa categoria saltou para a segunda colocação, ultrapassando até mesmo comprimidos para dor de cabeça e pomadas para assaduras. Muita gente buscando alívio fabricado em laboratório. Voltando ao universo hipocrático, apatia significa “ausência de paixão” e, anestesia, “ausência de sentimento”.

Nova citação contundente: Hegel (filósofo alemão do século 18) diz que “nada de grandioso no mundo foi realizado sem paixão”; razoável imaginar que o excessivo consumo dos medicamentos citados leva o indivíduo a um efeito Tostines: será que o consumo de tranquilizantes não me faz perceber a vida como algo grandioso ou

por não perceber a grandiosidade da vida utilizo tranquilizantes? O fato é que a ausência de paixão na vida e pela vida – e todas as suas vicissitudes - alimenta um círculo vicioso que diminui a potência humana criativa, afastando o indivíduo do seu destino a cumprir, adoecendo-o.

O início da adolescência de um jovem no momento esplendoroso da Grécia Antiga (há mais de 2.500 anos) era marcado por um ritual: nus, enrolados por uma guirlanda à estátua de Eros, declaravam nada fazer ou dizer ao longo de suas vidas que não fosse em nome da paixão. Essa cerimônia acontecia durante a Paideia, processo de educação grego que tinha como objetivo transformar o ser humano em uma obra de arte, ética e criadora, pela revelação e aprimoramento contínuo dos seus talentos. Um tempo depois, para se tornar cidadão, o indivíduo fazia um discurso em praça pública, respondendo quem ele era, de onde viera e para onde iria (enigma da Esfinge) e também como os seus talentos serviriam à coletividade. Tudo pela excelência pessoal, chamada por eles de “areté”, uma demonstração de respeito à vida, pela busca do melhor que se pode ser a partir do que se é.

Na Antiguidade ou nos tempos atuais, e provavelmente nos tempos futuros, a necessidade da resposta ao enigma da Esfinge lateja forte. É o papel dele. Afinal, “esfinge” vem de “esfix”, sufocar, angustiar. Quem não se dedica à resolução do enigma sente um aperto contínuo e crescente. Muitos buscam ludibriar a figura mitológica seduzindo-a com distrações químicas. Soa como procrastinação. O mergulho no mistério individual, em busca dos talentos e do destino a cumprir, mesmo com todas as intempéries do caminho, ainda se apresenta como o mais verdadeiro – senão o único – combustível para a paixão e a realização do ser. Quem se afasta do seu destino

adoece, perde o brilho nos olhos, pois um outro destino qualquer acaba arrastando-o pela vida.

Como último apelo em busca da aprovação do leitor, que venha Nietzsche (filósofo alemão do século 19): “quem tem pelo que viver aguenta qualquer como”. Os apaixonados sabem muito bem disso.



# A Chuva Fez Amor Comigo

Um dia a chuva fez amor comigo. Eu aceitei, passivamente.

Antes do ato em si, as preliminares. No parque, rede em meio às ninfas que moram nas árvores. A cada gole de vinho, herdado de uma visita de poucas taças, Dionísio dava um passo em minha direção. Não vinha só, mãos enlaçadas que trazia com Eros e sua aljava de mil flechas.

O embalo ganhava ainda mais divindade pela trilha sonora, capitaneada por Baden Powell e João Donato. Cada nota comungava com o movimento do vento e da paisagem enxergada, misturada por folhas verdes, pessoas em movimento, sentimentos.

Fim de garrafa. Longe do fim do poço.

A boca miúda recomenda ingerir porções da nobre água entre os goles do profano vinho. A razão eu não sei ao certo, mas certamente os médicos e os sabidos podem explicar. Talvez exista alguma herança mítica dos tempos em que Jesus providenciou a mudança de uma para outro, por solicitação de sua mãe, no episódio do primeiro milagre cristão. Que bom que o menino era obediente.

Eu, de minha parte, se não misturei os líquidos durante, resolvi fazê-lo no depois. Em vez de água engarrafada, triste porque não faz mais redemoinho, água chovendo, chegando de mansinho.

Como em outros dias de verão, tal qual dias outros de outros verões, passos largos em mais uma corrida molhada. A mansidão inicial da chuva se converteu em um senhor banho turco. Como curto, segui no *splash-sploft* do tênis nas poças que engordavam a cada instante.

À razão chegou a preocupação com a integridade do aparelho tocador de música. Água não combina com ele. Fórmulas diferentes: ela, H<sub>2</sub>O; ele, MP3. O jeito foi tomar uma decisão. Preferi arriscar o estado de conservação do equipamento, motivado pelo veredicto quase unânime entre as minhas partes juízas: se necessário, outra coisa poderia ser comprada a prazo na loja; todavia, aquela sensação só poderia ser adquirida à vista, ao tato, ao paladar, ao olfato e à intuição, ali, no momento vivente.

No caminho, muitos colegas iam parando, refugiando-se em espaços cobertos. Eu insistia em não me cobrir. Queria descobrir cada vez mais.

Veio, então, o ápice do encontro.

Depois da exaustão física, o momento de alongamento. Deitei-me, ainda em processo de descobrimento, de cara para a chuva, que chovia em seu nível mais intenso. Respiração ajustada, músculos equilibrados, comecei a sentir beijos. Um, doze, cento e quarenta, treze mil e quatrocentos, centenas de milhares, incontáveis.

A chuva me beijava despudoradamente.

Eu estava naquela posição de índio, com as pernas cruzadas e as costas encostadas no chão. Espontaneamente, soltei as pernas e me recostei totalmente, entregue àquela orgia improvável e deliciosa. A chuva estava me conduzindo, com uma ousadia carinhosa, intensa e delicada.

Entreguei-me absolutamente.

Tornei-me Eromenos, jovem e inexperiente amante da Antiguidade; a chuva, Erastis, amado que colocava o seu vigor erótico a serviço da fundação de novos mundos pela revelação de seres.

Como a chuva é mal compreendida, recriminada e maltratada em nossos dias, especialmente nas grandes cidades, monstros disformes e descabidos. Ela se tornou uma espécie de vilã contemporânea, como alguém que tivesse chegado à festa sem ser convidada.

A chuva sempre choveu, desde a noite dos tempos.

Ela atrapalha o trânsito? Não, é o trânsito que atrapalha a exuberância da chuva no final da tarde, insistindo em brincar com o lusco-fusco mesmo em meio às partículas degradantes da poluição. Creio que parte da chuva nas cidades enclausuradas é choro. Ela chora, tal qual dama incompreendida, cheia de amor e paisagem abandonados por olhos em constante estiagem.

O aparelho eletrônico tocador de músicas resistiu à intempérie. Mais do que isso, ele foi um discreto mecenas da obra de arte íntima que acabara de ser concebida. Em vez de notas monetárias, notas musicais que vieram em uma sequência sublime.

Nunca a função “Ouvir aleatoriamente” do equipamento havia funcionado de forma tão magistral.

Despedi-me da chuva com um sorriso no canto dos lábios, daqueles que denunciam um ato ou pensamento cheio de sensações prazerosas.

Corri, não mais como exercício físico, mas em direção ao bloco de notas, transformado naquele instante em um diário juvenil. Mãos

trêmulas, molhadas e desejosas de registrar para contar a quem quisesse saber que o autor havia sido seduzido, beijado e tocado. Vibrava com a possibilidade real de parir gotas generosas, fecundado que havia sido pela chuva.



# Auroras da Minha Vida

É verdade que nem todos começam um novo dia pela manhã. Há aqueles com horários alternativos de trabalho, estudo, libertinagem etc. A maior parte de nossa espécie, todavia, leva em consideração o nascer do sol como o indício mais claro (não resisti ao fácil trocadilho) de um novo dia começado. Ainda que raramente eu esteja desperto no horário referido, admiro por demais este momento do dia.

Aurora, áurea hora!

O simbolismo que abraça este tema é amplo: muitos daqueles que fecham o ciclo cotidiano com a chegada da aurora despedem-se com olhos gratos, ainda que cansados; muitos dos outros que iniciam um novo ciclo com a sua chegada sentem os olhos sensíveis pela invasão de cores infinitas, espalhando em si sensibilidade e esperança.

Eu tenho uma relação muito especial com o nascer do sol. Certamente meus repositórios de imagens no cérebro e na alma dedicam a esta experiência locais especiais. É isso! A aurora para mim é uma experiência pragmática, simbólica e poética.

Quando estou em dias de razão pura, vivenciar este momento causa impactos físicos impossíveis de desprezar. Nossos olhos são potencialmente apaixonados por ela.

Nos dias mais filosóficos, a experiência vem como uma bênção, ou seja, certeza de um novo dia, nova estreia, beijo doce do universo naqueles que decidiram perceber a recorrência da oferta de oportunidades.

Nos dias de poesia latente, *eita* nós, quantos suspiros, lágrimas vibrantes, frio na espinha, nó na garganta e porta escancarada da alma. Atravessa-me por inteiro a possibilidade de olhar profunda e longamente para a aurora.

Para quem decide se entregar por completo, com razão e emoção de porteiros abertas, muito mais suspiros, mais doces que o próprio doce.

No exato momento em que escrevo este motivo, vivo o nascer de um novo dia. Exatas 5:41h no horário de Cuiabá/MT, de onde decolei há instantes rumo a Belo Horizonte, após passar o feriado com a família. Mais um trocadilho me cai no colo, pois realmente vejo um belo horizonte pela pequena janela. Tão belo que decido registrar também fotograficamente o momento.

A melhor coisa de voar na madrugada é a possibilidade de assistir de camarote a este momento. A melhor coisa de viajar a navio também é assistir a esta experiência espelhada no sem-fim aquático. Pelo menos para mim, montanha, praia, floresta, deserto, cidade, tudo fica mais rico com a contemplação sincera e singela das novas manhãs.

P.s.: Texto tão difícil de colocar ponto final! Mais grave ainda, estímulo que provoca instintivamente a verve poética mesmo de quem poeta não é. Assim, encerro este motivo de celebração com versos criados no momento desta redação:

Levanto para o novo.

Pelo hoje que chegou,  
O ontem foi embora.  
Iluminado em novo dia,  
Acordo do sono antigo.  
Agora, agora, vambora!  
Lá vem ela, ampla e dispersa.  
Vamos, desperta!  
Fita a porta mais que aberta, meu camarada!  
Escancarada!  
Para cada dor sentida uma cor trazida.  
Bem-vinda, boa hora, nova hora.  
Aurora da minha vida.



# Acordos Despertos

Poucos, pouquíssimos momentos têm cheiro e sabor de unidade global como as festas de final de ano. À parte diferenças de crenças e calendários que não compartilham as mesmas datas e personagens, as festas natalinas e a transição de ano aproximam as pessoas, ainda que sem grandes transformações no porvir imediato.

Acordo. Acordo. Duas palavras iguais, diferentes e, novamente, iguais. Como não há acentos que as diferenciem, as duas palavras são escritas de forma idêntica. Para gastar o que acabei de pesquisar e aprender, são palavras homônimas homógrafas, pois têm a mesma grafia com sons diferentes. O que mais interessa por aqui, contudo, é que os seus significados, ainda que diversos, podem se relacionar de forma umbilical.

Que venha ao baile um mestre do acordeon, senhor Luiz Gonzaga: “e do caboclo que vive com a enxada na mão, trabalhando o dia inteiro com a maior diversão sem invejar a ninguém, satisfeito a trabalhar, cada vez mais animado, esse teu suor pingado, grandeza e honra te dá”.

Acordar, despertar, para então estabelecer e reconhecer acordos, tratados, bulas individuais. As bulas dos remédios devem ser cada vez mais legíveis, rege a legislação. À bula individual – de redação intransferível, por sinal – talvez se deva acrescentar ainda mais clareza, mãos apertadas do ser desperto com seus objetivos.

Aperto de mãos firmando acordos conscientes, ainda que impermanentes como a vida. Imagens fortes. Casais em uma igreja selando a cerimônia matrimonial: até a eternidade, enquanto ela durar (salve, Poetinha). Patrão e empregado que se escolhem: sejamos bem-vindos aos nossos desafios, pelo tempo que nos e os suportarmos. Amigos que se reencontram: toca aqui, mano velho, quantas saudades e confissões! Esportistas ao final de um jogo, apenas o epílogo de meses de treinamentos exaustivos: mãos coletivas extravasando as superações individuais. Na hora de comungar, palmas em concha recebendo o corpo de Cristo: renovação da fé nas vísceras de quem crê.

A potência do acordo é diretamente proporcional à consciência de quem o estabelece, especialmente quando a proposta é íntima. Uma armadilha observada amiúde é a confusão entre o unir das mãos em sinal de acordo e o acorrentar das mesmas em sinal de intransigência e posse. A consciência – olhe por ela – é fundamental para fortalecer os acordos, assim como gerar coragem para os ajustes necessários, ainda que dolorosos. O pior do humano acontece quando ele se aprisiona, em desacordo com o seu potencial criativo, tal qual no mito da caverna de Platão. Vem a sensação de mãos se soltando, como nas cenas cinematográficas em que alguém está prestes a cair em um abismo e outrem tenta ajudar. Quando não há acordos despertados conosco e com os outros, está anunciada a queda. Profundo vazio interior. Queda livre, presa.

Argumentos e comprovações biográficas não faltam para reiterar a tese de que conquista – e se conquista – cada vez mais quem caminha desperto, atento à missão. Não se trata de fanatismo intransigente, peso existencial, fardo às costas, pés rastejantes, ó céus, ó azar. É o caminho da coerência que se estabelece para quem está às claras com suas propostas, bússolas individuais. O filósofo e

educador Mário Sérgio Cortella propõe em seu livro “Não nascemos prontos!” que tenhamos “generosidade mental, ensinando o que sabemos; honestidade moral, fazendo o que ensinamos; e humildade inteligente, aprendendo o que ainda não sabemos”.

Tantos desejos possíveis com a chegada dos novos ciclos. Troco todos pela clareza no que firmo comigo e com o mundo. Mais atitudes nutritivas e menos coices tóxicos. Mais neurotransmissores e menos radicais livres. Mais beijos e abraços e menos verbos errados. Mais propostas que justificativas. Mais caminhadas e menos televisão. Mais ética que covardia. Mais vida que sobrevida. São os meus votos a quem está acordado e a minha torcida para quem ainda dorme.





## A Menina do Quadro

Sinto uma fome sem fim. Toda a fome do mundo me diz respeito.

Alface, tomate, cebola, alho, cenoura, arroz e carne. Um oásis à disposição de minha necessidade vital, que em breve estará saciada.

Enquanto preparo o jantar, percebo pela visão periférica uma criança a me olhar. Ela vive, ou viveu, em Cabul, no Afeganistão. Seus olhos são do tamanho dos seus sonhos, ou ainda, das suas dores. Suas bochechas e queixo estão sujos, possivelmente por conta das horas trabalhadas em alguma terra abandonada pelos homens, entregue às mãos de algum deus descuidado.

A menina que me mira mora dentro de um quadro, um pôster de um programa de combate à fome da ONU. Há algum tempo está colocada sobre um móvel no corredor entre a sala e a porta da cozinha, após me ser entregue em forma de presente das mãos de uma amiga. Enquanto preparo a comida, qualquer mínimo movimento de pescoço me faz perceber a presença daquela pequena alma. Encerrada em uma moldura negra, imóvel, absolutamente presente, ela me faz companhia.

Um primeiro contato pode até causar susto, incômodo, angústia. Imagem difícil de olhar sem ser fisgado. Mas não a vejo sob a ótica da tristeza. Mais importante que me fazer sentir pena, essa amiga que nunca vi e nunca verei faz fortalecer em mim o músculo da

comoção, o desejo sincero de mover-me junto. Toda a fome do mundo me diz respeito.

Sei que o vazio do estômago daquela pequena pessoa privada de direitos não é culpa minha, diretamente. Mas a culpa pelo vazio do estômago daquela pessoa privada de direitos passa a ser minha se relaxo e permito que a musculatura da comoção, ou empatia, se atrofie em mim. Se não posso servir parte da comida que comerei em instantes a ela, posso abraçar a sua dor, acolher o desafio de fazer o que estiver ao meu alcance para diminuir, pelo amor em ação, o pranto de quem não tem o mesmo prato e o canto cheiroso e confortável que a vida me entregou.

Sinto uma fome sem fim. Que meu olhar me permita amiúde reconhecer, por estímulos externos, esse terreno fértil de solidariedade que ocupa a minha alma. Tenho a impressão que cada um dos homens e mulheres que caminham por este mundo levam consigo tal área de cultivo. Posso responder apenas pelas sementes que escolho plantar e regar, assim como pelos frutos delas advindos.

Menina do quadro: perdão por não poder lhe entregar pessoalmente os frutos de minhas ações. Mas saiba que a sua presença me ajuda diariamente a arrancar as ervas daninhas da inércia e alienação. Um quinhão do pouco que planto de amor no mundo também é para você, ainda que degustado pela boca de outros.

## Brilho nos Pés, Brilho nos Olhos

No saguão do aeroporto Santos Dumont, na capital do Rio de Janeiro, escuto:

– Doutor, vamos engraxar?

O autor da pergunta é um homem jovem, magro, cabelos raspados por uma máquina, sotaque puxado. Ser chamado de doutor nessas situações me lembra esses códigos sociais que misturam respeito com poder. Sou doutor apenas quando estou com meu personagem de palhaço visitando hospitais. Ali sou Dr. Raviolli Bem-te-Vi. Fora dali, ser chamado por esse título me constrange, pois denuncia a forma como o outro me vê, neste caso, marcada por um ranço histórico que divide pessoas pelo fator econômico. Mesmo com o cabeção pensando tudo isso em segundos, meu semblante deve ter demonstrado a oportunidade de continuar o papo, pois ele seguiu:

– Veio curtir o carnaval?

– Não, vim para uma reunião e volto hoje mesmo, respondi.

Foi a minha vez de perceber que ele esperava uma resposta sobre a possibilidade de engraxar meu sapato de bico fino, que raramente sai do armário para pisar o chão da rua. Topei a parada.

– O pisante fica bonitão em cinco minutos?, perguntei.

– Claro, doutor.

– Então tá bom, mas só aceito se você não me chamar assim. Doutor é só no hospital.

Ele riu, e, enquanto preparava sua caixa de madeira gasta pelos pés que ali pisaram, olhou para mim e disse:

– Deve ser muito legal ser médico, né?

Como eu havia criado aquela ambiguidade, preferi silenciar e mudar o rumo da prosa.

– Qual é o seu nome?

– Ronaldo, ele respondeu.

– Como tá o serviço?

– Essa semana tá meio fraco. E agora vai chegar o carnaval e eu fico sem trabalhar.

– Por quê?, perguntei.

– O senhor já viu alguém usar sapato no carnaval?, ele respondeu, rindo.

Eu ri também, envergonhado pela minha pergunta tonta. Fazia todo sentido. Acabara de aprender que vida de engraxate é dureza também no carnaval.

– E o que você vai fazer no carnaval?, perguntei.

– Eu tô juntando dinheiro pra comprar umas coisas pra vender na praia. Tá chegando o aniversário da minha filha de três anos e eu queria comprar uma piscininha pra ela. O senhor tem filho?

– Tenho uma filha de doze anos, respondi.

– Vai passar o carnaval com ela?

– Assim espero.

Aquele rapaz fazia brilhar o sapato dos outros para fazer brilhar os olhos da filha. Na ausência de "doutores" portando pisantes de couro no aeroporto, o plano era juntar um capital inicial pra investir em balinhas a serem vendidas com uma margem de lucro capaz de quitar o investimento e fazer sobrar alguns tostões. Na praia, ele trabalharia na areia para garantir o banho da filha na piscina de plástico.

– Hoje eu fico aqui até fechar pra juntar mais dinheiro. Assim consigo comprar mais coisas, contou ele, enquanto terminava seu serviço aos meus pés.

– Tomara que passe muita gente de sapato de couro, disse eu.

– Mas nem é isso que faz a diferença, senhor. A diferença é que eles me enxerguem e confiem que eu só quero trabalhar e deixar o sapato mais bonito. Sapato sujo não pega bem, né?

Outra vez sua colocação tinha sentido. Em um dos aeroportos mais frequentados por executivos no país não era a quantidade de sapatos que determinava o resultado do serviço do engraxate. O fator determinante expresso por Ronaldo era a confiança de que ele estava ali para trabalhar, assim como os transeuntes.

– Pronto, senhor. São seis reais.

Quando ele falou o valor, imaginei quantos sapatos ele teria de engraxar ao longo do dia pra chegar a uma quantia razoável pra investir nos itens que garantiriam serviço a ele durante praticamente uma semana inteira. Puxei uma nota de valor bem

superior ao que ele havia me dito. Enquanto ele buscava o troco no bolso, eu disse:

– Pode ficar, Ronaldo. Boa sorte no carnaval. Tomara que você consiga comprar a piscina pra sua pequena.

– É sério? O senhor não quer o troco?

– Não.

– Posso dar um abraço no senhor?, pediu ele.

– Só se você parar de me chamar de senhor. Nem doutor nem senhor. Só Felipe.

Ele riu e nós nos abraçamos. Enquanto algumas pessoas passavam ao nosso lado com olhares surpresos, lembrei-me do título dado à cidade do Rio de Janeiro. Cidade Maravilhosa. Naquele momento, a cidade estava maravilhosa porque se tornou palco do maior espetáculo da terra: o bom encontro entre duas pessoas, ambas trabalhando firmes e fortes para conquistar seus sonhos e fazer o mundo brilhar mais.

## O Afeto Nosso de Cada Dia

Como pode ser interessante conhecer o sentido original das palavras, sua ascendência e berço, relacionando-os com o nosso cotidiano! É uma experiência que me fascina cada vez mais, pela oportunidade de beber goles da fonte que transformou em código um sentimento, comportamento ou fato.

A língua portuguesa tem em sua árvore genealógica o latim, predominantemente, idioma cada dia mais condenado ao ostracismo. Mesmo assim, sempre que consigo descubro as palavras latinas que deram origem àquelas que utilizamos ainda hoje. Tenho especial predileção pelas palavras que apontam sentimentos, sensações ou comportamentos, pois estas expressões humanas me espantam e excitam cada vez mais. Quando descubro a origem de uma palavra que respeito e pratico, busco logo reter em mim a informação.

Assim foi com a palavra "afeto", derivada do latim "*afettare*". O que significa esta última? "Ir atrás". Brilham-me os olhos descobrir tais diamantes linguísticos. Pode ser um exagero, mas mesmo assim fico emocionado. Afinal, em algum momento a decisão de "ir atrás", "colocar-se em movimento", "buscar o que se deseja" etc., teve o seu caminho cruzado com os nobres sentimentos de "carinho", "gentileza" e "elevação de alma".

De acordo com a origem da palavra, ter afeto é "ir atrás" de algo. Sonhos, pessoas amadas. Fatos, ideias. Prazeres e sentimentos. Afeto não é passivo, reativo. Afeto é ativo. Podemos até brincar de inventar novas origens das palavras, como a somatória de "afeto" e "ativo" gerando "afetivo". Obviamente uma fraca concorrência à original fonte criadora.

Você está afetado? Estou eu afetado? As pessoas estão afetadas? O que nos afeta tem caráter afetivo? Ou estamos nos deixando afetar apenas de forma reativa e burocrática? Se vale esta última forma, estamos na contramão da alma da palavra, possivelmente na contramão daquilo que afetiva e efetivamente queremos e precisamos.

Estou afetado pela janela que o "*afettare*" colocou em minha casa. Plantar e colher afeto nos coloca em movimento. Viva o movimento. Estou um tanto incomodado pela altíssima velocidade paquidérmica que nos cerca. Por vezes, sinto-me uma lebre em uma corrida de tartarugas. Como em um sonho irritante, tento correr, mas as pernas não respondem prontamente. Tudo se embaralha, transformando um simples movimento em uma odisseia homérica. Lebres correndo uma corrida de tartarugas. Muito esforço para pouco resultado. Talvez o combustível esteja errado, o que nos custa muito caro. O desperdício de potencial dá força à sensação de incompletude que paira no ar poluído dos tempos modernos, alimentando a ansiedade do "não foi isso que sonhei para a minha vida". Talvez o segredo seja o estímulo, a meta, a cenoura que põe a lebre em movimento.

A janela do afeto volta à minha casa. Abro-a. Encho o meu olhar com o cenário possível. Já sei o que quero. Quero afetar e ser afetado. Quero respostas do mundo (interno e externo) às minhas inquietações, sorrisos sinceros às minhas emoções, ouvidos atentos



às minhas ideias. Não creio que seja diferente com os outros. Todos querem afeto. Todos querem encontrar a direção daquilo que lhes é caro. Todos. Quantos efetivamente empreendem tal jornada na vida pessoal, profissional ou social?

Faço votos sinceros que o afeto seja sempre combustível e bússola em nossas caminhadas.



# Memórias Presentes

Aconteceu o dia dos pais, de acordo com o calendário convencional. É desgastada, ainda que verdadeira, a tese de que dia dos pais acontece todos os dias. Sim, sim. Assim como o dia das mães, filhos, irmãos, avôs, sogras, papagaios e cachorros. Contudo, nos dias citados invariavelmente latejam mais fortemente os convites interno e externo à comemoração. Como esta minha série de textos trata de lembrar junto, ou ainda, co-memorar, preparo este texto como simbólico presente ao meu pai, Zé Ademar, que em forma de energia, embrulhado de amor, será entregue à porta de sua morada atual.

Falei de energia. O sentido desta palavra me acompanha em tempo integral. Energia é “trabalho interno”. O que está trabalhando dentro de mim, de você, de todos nós. O que trabalha em mim é a causa das minhas consequências, a ação das minhas reações e o investimento de meus lucros e prejuízos. Desejo que as memórias trabalhem continuamente em mim, nutrindo minha usina de energia, cada vez mais ecologicamente correta, por emanar resíduos pouco poluentes.

No início de agosto, eu e minha família nos lembramos da passagem do meu pai. Foi num dia 2 de agosto que ele se despediu desta vida, deixando muitas saudades. Banzo, como diriam os negros, à época da escravidão, ao se lembrarem de sua terra de origem. Sinto banzo

dos tempos idos, bem vividos. Claro que eles não voltam mais. Não precisam regressar, pois de certa forma nunca se foram. Sou os tempos idos misturados com os tempos de hoje. O banzo que sinto é sinônimo das saudades, prova do amor que fica.

Felizmente, foram 27 anos com o meu pai. O “com” muito mais expressivo que o “sem”. Diariamente carrego-o em meus pensamentos e sentimentos, uma companhia desejada e querida. Por isso comemoro.

O retorno às origens parece ser uma condição demasiadamente humana, pois no final da vida meu pai decidiu passar grande parte dos seus dias no pedaço de terra da nossa família no Mato Grosso. Assim como a natureza, ele foi um homem simples e equilibrado, ainda que repleto de riquezas, especialmente morais.

Durante tantos anos, meu pai, juntamente com a minha mãe, cuidaram de mim. Tanto carinho, interesse e dedicação. Uma eternidade de agradecimento seria pouco, especialmente quando olho para os lados hoje em dia e percebo que os pais dedicam dez vezes mais tempo aos e-mails do que aos filhos. Hoje em dia quem cuida do meu pai sou eu. Sim. Ele é o meu menino, que todos os dias recebe minha atenção, ainda que silenciosa. Manter viva a memória do meu pai é um exercício especial de amor, que encaro com muita alegria, até mesmo como forma de lidar com as saudades. Lembro-me de um trecho de uma das poesias mais lindas de todos os tempos e idiomas, “O guardador de rebanhos”, de Fernando Pessoa:

“Ele dorme dentro da minha alma  
E às vezes acorda de noite  
E brinca com os meus sonhos,  
Vira uns de pernas para o ar,  
Põe uns em cima dos outros

E bate as palmas sozinho  
Sorrindo para o meu sono.”

No momento de despedida do meu pai, com os familiares e amigos reunidos para as homenagens do funeral, eu li um texto:

“Querido pai:

Hoje você foi para um lugar mais bonito. Deixa aqui uma família que te ama muito e que tem uma enorme honra de ter podido tê-lo conosco nesta caminhada. Cada um dos momentos em que estivemos com você foi um presente. O seu jeito quieto e humilde, sua honestidade e carinho, deixaram marcas por onde você passou. Agora mesmo, no paraíso onde você está, você já deve ter feito várias amizades. Só uma coisa: vê se não dá muita caipirinha para os anjinhos, tá? Afinal, quem resiste à sua caipirinha de maracujá?

É, meu pai! Esteja com Deus! Relaxe e curta a sua nova caminhada. Tenha a certeza que seu papel você fez da melhor forma que pôde. Faça um favor para mim: dê um afetuoso abraço no vô Pedro e na vô Cecília. Diga a eles que fizeram um grande trabalho criando um ser humano lindo como você.

Pai: é uma honra chamá-lo de pai. Torço muito para estar com você novamente, quando e onde for possível. Dizem que os espíritos escolhem a sua família quando estão vindo para cá. Olha, eu não poderia ter escolhido melhor. Você e minha mãe são referências constantes em meu caminho. Espero que eu tenha o mesmo sucesso com a minha filha.

Pai, esta mensagem não tem um fim, assim como nunca terá fim a nossa relação. Desde que me conheço por gente eu pedi a sua benção e você sempre me deu. Continuarei fazendo isso, todos os dias, silenciosamente, pelo resto da minha vida”.

Certamente, as palavras acima fazem parte daquelas que pronunciei com absurda quantidade de sinceridade, extensão que foram de meu coração de filho.

Para completar a alegria do tema, lembro-me que fui presenteado com a oportunidade de ser pai de uma linda criatura, tão bela a minha Isabela. Seu pai te ama, minha filha, assim como ama o pai do seu pai, seu avô. Difícil quebrar uma corrente tão potente de amor hereditário.

# Ode à Preguiça Produtiva

Eu gosto de dormir. Principalmente dormir bem, não necessariamente muito.

Tantas informações são divulgadas sobre o tempo necessário para o real descanso do corpo: oito, sete, seis, doze horas; creio que depende de cada um, do dia anterior, da companhia e tantas outras variáveis.

Para mim, na fórmula de uma boa noite de sono também está inserida a manhã seguinte. Pode parecer estranho, ou até mesmo pretensioso (afinal, quem garante que eu efetivamente acordarei...), mas é muito importante para mim saber que terei uma manhã no estilo que me agrada.

Com calma, suavemente vou explicando. Eu prezo muito a filosofia do acordar bem. Espreguiçar, ficar mais um pouco, esticar, alongar, grunhir, tudo em um ritual de agradecimento pela noite dormida, contemplação da manhã que chegou e verificação do estado de meu ser no início de mais uma jornada.

Depois de saltar da cama, lavar o rosto e escovar os dentes. Esta primeira escovação nem é tão caprichada, porque na sequência virá algum tipo de café-da-manhã, para então voltar à escovação mais minuciosa.

O ser humano, em geral, acorda mal. Em muitos dias eu ainda acordo mal. Felizmente, posso comemorar a redução dos dias em que não acordo bem. E o que é acordar mal nesta minha proposta argumentativa? Primeiramente, agredir nosso descanso com uma forma abrupta de acordar, ao som de estridentes sinais sonoros. Durante milhares de anos, nossos ancestrais (e, portanto, nós mesmos, de alguma forma) acordaram com a aurora. Raios solares chegando de forma progressiva, convidando aos poucos para o despertar. Pééééééé. Agora é assim. Dá-lhe apertar a função “Soneca” do celular. Péééééé, ou algo do tipo. Mais uma vez a “Soneca”. No terceiro Péééééé, o despertar assustado e apressado. Afinal, a condição de estar atrasado parece assombrar a todos nós que vivemos sob a égide tacocracia, ou seja, o governo da velocidade.

Longe de mim tirar o valor de quem se “sacrifica” todas as manhãs para iniciar mais uma desafiadora jornada profissional, que, afinal, garantirá a dignidade da existência do indivíduo e daqueles que dele dependem. Meu desejo agora é outro. Quero comemorar a minha conquista de vários dias com manhãs tranquilas. Não se trata de ficar até o meio-dia “acordando”, apartado do mundo. Trata-se de encontrar o meu tempo necessário para abraçar o novo dia. Crio, construo, aprendo, produzo muito mais quando o meu dia começa assim, tranquilamente. Parece fazer parte do meu processo criativo: recheiar meu liquidificador mental e emocional na noite anterior (sou um notívago confesso) e deixar movimentar de forma pacificamente instigante durante a noite. Quando chega uma manhã tranquila, degustada com banho de raios solares invadindo as janelas de meu apartamento ou ventinho frio pelas frestas, sinto o processo de criação se fortalecer. Ideias surgem! Propostas para situações pendentes. Inspiração para me entregar a um dia que valoriza o maior desafio humano, expresso na equação de Eduardo



Galeano: “somos o que fazemos, mas somos, principalmente, o que fazemos para criar o que somos”.

Eu quero cada vez mais manhãs tranquilas, ingredientes de noites bem dormidas e combustíveis de dias significativos. Se tiver um café-com-leite quentinho, pão fresco, frutas frescas, queijo Minas, tanto melhor!



## Almas e Páginas

Certa vez li uma frase do tipo “livros são almas que se desprenderam de grandes homens e grandes mulheres”. Uau! Quando eu a li pela primeira vez senti o ‘uau’! Quando leio agora e escrevo esta frase o ‘uau’ me invade novamente.

É sempre assim quando bebo da boa literatura. Sou viciado em boa literatura. Um vício que até hoje só me fez bem e que felizmente está sendo transmitido progressivamente para a minha filha.

Até onde minha memória consegue chegar, lembro-me de ler. Meus pais liam muito, incentivo determinante na maior parte dos casos. Pelos livros, viajei muito. Senti raiva e angústia. Assustei-me e diverti-me. Encontrei a porta de entrada do longo corredor que leva ao castelo de tamanho desconhecido chamado universo humano. Ainda pela literatura – quando uso esta expressão estou me referindo a todo tipo de leitura – indignei-me, senti minhas habilidades e competências técnicas se desenvolverem, compreendi algumas verdades inalienáveis e confirmei a potência de algumas dúvidas seculares.

Das maravilhosas sensações que venho sentindo ao longo da vida, comemoro o transe que me visita ao final da leitura de um bom bocado de páginas provocadoras. Porque um bom livro me provoca de forma vívida e intensa. Como se o próprio autor estivesse à minha frente, bebendo uma taça de vinho e defendendo com

tenacidade as suas crenças ou relatando com entusiasmo os encontros e desencontros de vidas humanas.

Naquele momento, ao final das páginas que mais me tocam, ou ao final da última delas, repouso o livro sobre o peito, fecho-o e por instantes (às vezes, muito longos), deixo a emoção fluir. Por vezes ela se encontra com a razão, ou esta surge primeiro para depois convidar aquela. O incrível é sentir-me atravessado por uma mensagem bem contada, fenômeno só possível quando estou inteiro na leitura. Tá certo, Fernando Pessoa, muito certo! Ser inteiro em tudo o que fazemos. Bela sugestão, indispensável ao ato de ler.

Comemoro a possibilidade de ter acesso a bons autores, desde a capacidade cognitiva de compreendê-los até o fato mais cotidiano de poder contar com alguns trocados para adquirir os títulos que piscam para mim e aos quais devolvo o flerte. Venho me tornando cada vez mais um frequentador de sebos. Aproveito-me também das bibliotecas virtuais. Repudio as editoras que cobram um valor abusivo demais para um país em desenvolvimento e cuja maioria dos habitantes não possui o hábito de ler. Motivo? Quem lê amplia a capacidade crítica do raciocínio, especialmente pela boa leitura. Seres críticos incomodam. Simples assim! Historicamente nunca foi bom negócio fomentar sociedade pensante onde ainda reinam governantes medíocres.

Como eu gosto de festas mais intimistas, relaciono a lista de convidados que certamente fazem parte destes meus anos, e que definitivamente seguirão comigo pelo tempo em que eu conseguir ler.

Sejam todos bem-vindos! E que venham novos convidados também! Para deixar a lista ainda mais rica, convido quem está lendo a indicar nomes. Grite bem alto que eu escutarei. Ou mande um e-

mail. Deixarei a minha lista incompleta, certo de que as indicações enviadas me alegrarão: Machado de Assis, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Monteiro Lobato, Goethe, Fernando Pessoa, Clarice Lispector, Dostoievski, Nietzsche, Schopenhauer, Rubem Alves, Adélia Prado, Luiz Fernando Veríssimo, Hermann Hesse, Tcheckov, Brecht, Carlos Drummond de Andrade, Mario Quintana, Carlos Heitor Cony, Fernando Morais, Manuel Bandeira, Janus Korczak, Shakespeare, Molière, Ariano Suassuna, Italo Calvino, Mario Sérgio Cortella, Antoine Saint-Exupéry, Chico Buarque, Voltaire, Rousseau, Tolstoi, Pablo Neruda, Gabriel Garcia Marquez, José Saramago...



# O Pior Porteiro do Mundo Trabalha no Meu Prédio

Quando eu vim morar neste prédio, algo me chamou a atenção logo nos primeiros dias. Em meio às tantas novidades da casa, decoração, plantinhas, respiração profunda pela emoção de constituir um novo lar, visitas ao bairro pra descobrir as facilidades e dificuldades, papo com a turma da padoca, acesso ao metrô, ônibus, supermercados e serviços *delivery*, percebi uma presença diferente na portaria.

No turno da noite habitava a entrada do prédio, devidamente colocado atrás de uma mesinha baixa, um rapaz sisudo, negro, mais forte que o comum e sempre portador de uma expressão pouco convidativa ao papo. Quando digo que ele é mais forte que o comum, realmente quero dizer isso. Não é muito alto, mas carrega consigo braços enormes e uma barrigona de fazer inveja ao Papai Noel. Recentemente descobri sua idade, pois fez aniversário e me disse: 42 anos. Sinceramente me surpreendi. E o mais curioso é que a surpresa se deu por eu não conseguir definir se ele aparentava mais ou menos do que a sua real idade.

Dias e meses se passaram, e com o cair das noites e as novas auroras o estilo do porteiro foi se revelando e se afirmando. No mínimo posso dizer que é algo *sui generis*, para abusar do latim que pouquíssimo conheço. Ele não tem por hábito cumprimentar os moradores, tampouco as visitas. Ao ouvir um boa noite, quando se dá ao trabalho de tirar os olhos do aparelho com TV a cabo, ele

resmungo algo que até se parece com alguma expressão de reciprocidade. Na maior parte das vezes, contudo, a resposta é ininteligível e temperada com um tom de impaciência. Não sei em que momento ele memorizou o meu nome. Na verdade eu nem sei se ele sabe o meu nome, porque sempre se dirige a mim pela alcunha de "cidadão". Quando precisa me entregar a correspondência, utiliza a alcunha "cidadão do 72".

São muitos os episódios que ratificam a minha impressão de que ele é o pior porteiro do mundo. Mas há algo de muito interessante ali, que talvez justifique sua presença como colaborador do condomínio há mais de 20 anos. Fui investigando esse *iceberg*, que do lado de fora da água é bruto e agressivo, mas que como todo e qualquer ser humano guarda no submerso de sua existência um universo não revelado. Não me contento em tatear o visível, o óbvio, especialmente quando se trata de um assunto que me cerca quase todos os dias.

Quando chega visita em minha casa, ele decide por conta própria, ao sabor do vento e do seu bel prazer, se anunciará por interfone ou simplesmente deixará subir sem a minha aprovação. Em algumas oportunidades, inclusive, deixa a visita esperando 10 minutos no sofá da recepção, sem motivo aparente. Diversas vezes fica esperando atrás da porta do elevador para me assustar. Às vezes, chego da corrida e toco a campainha. Quando está sentado à mesa, fato que não é tão recorrente assim, ele me olha por intermináveis segundos antes de apertar o botão e permitir a minha passagem. Parece que aquele tempo dilatado é uma expressão necessária do seu desejo de poder. Aliás, ele não se cansa de dizer que é o delegado do prédio e que nosso condomínio é o mais seguro de São Paulo porque ele está ali. Afinal, segundo a sua teoria, até o bandido mais perigoso vai perceber que com ele não se pode brincar.



Todos os ingredientes foram sendo colocados à mesa ao longo do tempo, dispostos de maneira a motivar-me para a preparação de um bolo amargo de rejeições e represálias, punindo-o por sua postura e também pela falta dela. Resolvi rasgar essa receita tão conhecida e indigesta e procurar mais originalidade na substituição do muro por algo que mais se parecesse com ponte.

Dia após dia decidi me aproximar, saber mais dele, de onde viera, o que gostava de fazer e temas "puxa-assunto" do gênero. Concordava com ele quando bradava coragem inesgotável, construindo diálogos bem humorados com relação ao seu suposto heroísmo e valentia. Propus preparar uma fantasia, pois todo super-herói que se preza tem um traje especial, assim como um nome bem marcante, que deixasse claro aos meliantes de plantão que aquele pedaço tinha dono. Como era nítido o seu apreço pelas guloseimas, comecei a compartilhar com ele coisinhas que eu comprava na padoca, como *croissants*, pães-de-queijo, pão francês quentinho, além de preparar amiúde e levar até ele um sanduba nas madrugadas longas. Descobri que a sanduicheira tem dois lugares pra gente fazer um sanduba para mim e outro para o porteiro, que ficará horas e horas olhando o relógio 'tiquetatear' em ritmo sonolento.

Pequenos gestos de gentileza foram esculpindo a ponte entre nós. Ele continuou arredio, mal-humorado, folgado e preguiçoso. Só que algo ficou diferente. Havia certa cumplicidade entre nós, o porteiro ogro e o cidadão palhaço. Começamos a nos entender e a nos divertir com os diálogos improváveis e o cheiro de brutalidade inofensiva de algumas brincadeiras, pois havia sido construído um espaço de convivência que permitia tais trocas. Há poucas semanas soube que era o seu aniversário. Ele passaria a noite toda em seu lugar de sempre, na transição dos 41 para os 42 anos. Possivelmente outras dezenas dessas datas foram vividas dessa mesma forma.

Pressinto que não seria diferente se fora dali ele estivesse, pois não tem esposa ou filhos. À meia-noite, levei uma torta de morango, uma vela e uma garrafa de refrigerante. Cheguei com a vela já acesa e cantando o “parabéns a você” para ele. Quando ele percebeu, quase me jogou uma lista telefônica. Foi por pouco. Ao final da música, agradeceu-me com seu estilo de sempre. Ele já estava de olho na torta quando lhe dei um presente: uma camisa tamanho ultra mega grande com a estampa do Pica-Pau. Foi difícil achar qualquer peça de roupa estampada com motivo infantil naquele tamanho. Felizmente achei. Ao verificar o que era, ele sorriu de um jeito que eu nunca tinha visto. Eu acertara intencionalmente na escolha. Sabia que ele gostaria.

Uma pista me mobilizou definitivamente nessa aposta pela aproximação diferenciada: às vezes, saio do elevador bem quietinho e caminho nas pontas dos pés. Ainda distante, percebo que ele está olhando para a TV e rindo. Na maior parte das vezes está assistindo a um dos canais de desenho animado. Naqueles momentos ficam evidentes as vias de acesso ao coração de aço dele. Se pela porta principal estão saindo risadas tímidas, mas reveladoras, talvez seja porque pela janela, ao menos durante aqueles momentos, monstros saíram e o deixaram ser mais leve. Quem sabe ali, no escuro da madrugada, mirando o aparelho que apresenta histórias infantis cheias de comicidade e múltiplas possibilidades, ele viva a infância não vivida. Nas cores animadas dos desenhos, sinto que ele rabisca alguma espécie de reconciliação com um passado duro.

Sou grato por viver no prédio onde trabalha o pior porteiro do mundo. Sigo adiante buscando roubar de certa forma a função dele, ainda que metaforicamente. Se a sua tarefa é vigiar e abrir portas, muito me agrada poder cuidar um pouco dele, ainda que à nossa maneira. No máximo das vezes que acontecerem as oportunidades,

ou ainda, nas vezes em que eu me esforçar na intenção de criá-las, espero conseguir ser uma chave que o ajude a abrir as portas para uma relação mais cordial com a vida. Muitos foram os porteiros e vigias das minhas travessias. Alegra-me a possibilidade de retribuir.



## O Feiticeiro, o Anjo Caído e o Maffesoli

Certa vez vivi uma segunda-feira especialmente interessante. Costumam ser assim os dias em que vou para a rua disposto a ouvir o mato crescer.

A caminho de uma reunião em uma empresa, entrei em uma perua que me levaria de uma estação de metrô a uma estação de trem. Esforço-me para optar regularmente pelo transporte coletivo. Apesar dos pesares e limitações diversas, leia-se especialmente a hora do *rush* e a parca capilaridade em algumas regiões, é uma opção bastante válida que poderia seduzir mais gente se tivesse tanto apelo quanto as ofertas das montadoras de automóveis.

Recém-acomodado na perua, abri um livro do Bauman que tratava do mal-estar na pós-modernidade. Instantes depois, uma mulher sentada nos bancos da frente do veículo começou a falar em voz alta. Imaginei que estivesse rezando para si e que findaria logo. Não foi assim. Ela começou a recitar versos apocalípticos, com entonação e ritmo cada vez mais viscerais. Emocionada, vociferava contra aqueles que não se entregavam nos braços do seu Deus antes do juízo final. Como eu estava absorto em minha leitura ouvindo uma música tranquila pelo fone de ouvido, fiquei na minha. Confesso que havia uma pontinha de curiosidade sobre como se desdobraria aquele culto solo em movimento.

Uma nuvem de incômodo se espalhou pelo veículo e motivou o senhor ao meu lado a se manifestar. Inicialmente foram pequenas interjeições, do tipo "shiiiiii". A cada incursão dele, ela elevava a voz ainda mais, como se já estivesse em um púlpito mirando seu séquito. Ele, então, decidiu partir para a verbalização mais contundente, sugerindo que ela fosse pregar na igreja dela, pois, nas palavras dele, ninguém era obrigado a ouvir aquela ladainha. As palavras soaram como o estopim que faltava para o duelo anunciado. Ela se levantou, virou-se para o fundo da perua e olhou nos meus olhos de forma intensa. Por alguma razão, imaginou que eu tivesse sido o autor das interjeições e palavras críticas. Fuzilando-me com suas pupilas dilatadas, chamou-me de Satanás e feiticeiro, determinando que eu arderia no fogo do inferno por conta da minha falta de crença. Tomada por uma sensação indescritível, só fiz rir. Nem sei por que decidi rir. Sei, sim, que as pessoas ao meu lado saíram em minha defesa, deflagrando uma severa discussão, que durou uns dez minutos, até a chegada ao ponto final. Eu, feiticeiro e Satanás recém-empossado, segui caminhando e digerindo um quitute *mezzo* bronca, *mezzo* empatia.

Como foi chata aquela demonstração de falta de civilidade. Exagero do direito de liberdade. Que maravilha que ela fez aquilo, demonstração da liberdade dos dias em que vivemos (em séculos passados, a expressão livre da fé poderia transformar o audacioso em churrasco de praça pública).

Após a reunião na empresa, meu plano era retornar caminhando até a estação de trem. Distância razoável, que exigiria ao menos uns 25 minutos de sola de sapato. Quando iniciei a empreitada, simultaneamente um carro saía do estacionamento à minha frente. Por um instante, pensei que seria muito interessante vivermos em um tipo de ordem social em que a carona fosse algo tão normal

quanto beber água ou soltar um pum. Afinal, o senhor ia sozinho no carro, faria o mesmo caminho que eu (era uma rua sem saída), com a única e decisiva diferença de estar motorizado. Quando esse pensamento transgressor se despedia de mim, o motorista me ofereceu uma carona. Inicialmente, não entendi o que ele disse; pensei que queria uma informação, pois não poderia ser verdadeiramente uma oferta de carona, algo que agrediria a minha certeza de que vivemos em um mundo que não dá mais carona. Felizmente, fui categoricamente vencido pela renovação da oferta; ele realmente estava me oferecendo uma ajuda, alegando que sabia da distância até o trem, visto que havia trabalhado naquela empresa. Aceitei o mimo.

Acomodado no banco do passageiro, agradei com pompa e circunstância o gesto. Ele recusou o que denominou exagerada polidez, lembrando que era o mínimo que alguém poderia fazer pelo outro. Fazia sentido. Parece que andamos distantes do mínimo que se poderia esperar das relações interpessoais entre desconhecidos. Oferecer e aceitar caronas, ainda que incorreto em termos de segurança pública, pareceu-me algo bom em termos de vínculo humano. No trajeto até a estação de trem, após as apresentações de praxe, o homem revelou que estava bastante sensibilizado com o que se passara há instantes. Ele havia trabalhado naquela fábrica durante 23 anos em uma importante função na parte da produção. Por motivo de reorganização estrutural, sua função e a de mais centenas de pessoas tinham sido extintas em terras brasileiras há poucos meses, com os postos de trabalho migrando para fábricas espalhadas em localidades diversas mundo afora. Apesar da demissão, o que parecia doer nele como agulha quente em carne viva era outra coisa: necessitando de talões de cheque que ainda eram enviados à agência bancária dentro da empresa, ele acabara de ser impedido de entrar no local em que havia entrado mais de cinco

mil vezes (conta arredondada, combinado?) durante mais da metade de sua vida adulta. Transpirava decepção e ira, mansamente. Um anjo humilhado e cadente. A mim, anjo pela oferta de uma improvável carona; aos olhos da empresa, um bebê que, após o corte do cordão umbilical, fora atirado na lata de lixo ao invés de acolhido em um colo materno.

Como foi chata aquela demonstração de falta de respeito a um antigo colaborador. Exagero do direito materialista de usar e escarrar um indivíduo. Que maravilha de demonstração de resiliência, pois, em meio ao drama pessoal, aquele sujeito boa praça fora capaz de olhar para fora da janela e compartilhar o motor do seu carro para me levar mais rápida e confortavelmente ao meu destino.

O Maffesoli não entra de gaiato na história. Exatamente o contrário. Ando estudando a obra desse sociólogo e pensador francês. Arretado demais. Escreveu livros que tratam de temas ligados ao que ele chama de razão sensível, pensamento compreensivo, tribos urbanas e muitos outros. Por compreensão ele nos provoca a pensar no verbete latim *comprehendere*, que tem o sentido de abraçar, incluir, unir. Logo no início do texto usei uma expressão maffesoliana: ouvir o mato crescer. Nutrir a capacidade de perceber as múltiplas possibilidades de uma mesma situação, definindo e explicando menos e compreendendo mais.



## Feijuca de Almoço, Sonho de Sobremesa

Uma vez saí para almoçar com os pensamentos voltados às tantas atividades que precisavam ser feitas naquele momento de minha pesquisa de mestrado. Meu objeto de estudo foi o lugar da ética na preparação dos comunicadores. Saí da faculdade e caminhei pela região da Bela Vista, buscando escapar do circuito gastronômico da Avenida Paulista. Após descer alguns quarteirões pela Alameda Joaquim Eugênio de Lima, um restaurante abotecado, ou um boteco arrestaurantado, chamou minha atenção. Mesas postas na calçada, taxistas conversando, garçom simpático ajustando as coisas. Num dia quente de primavera, depois de quatro horas de aulas matutinas, decidi me acomodar naquele lugar prosaico.

Uma boa birosca não pode ter como prato principal da quarta-feira algo diferente do que feijoada. Nem precisei do cardápio para desejá-la, uma vez que a mesa ao meu lado estava habitada por quatro rapazes absolutamente entregues aos prazeres do feijão preto, couve cozida, arroz soltinho, farofa e o temido e difamado torresminho. Comiam sorrindo. Talvez este seja o melhor termômetro para medir a satisfação com a boia. Como eu adoro sorrir, pedi a feijuca.

Enquanto o garçom amigão trazia os apetrechos e o kit suíno, observei que sentado na calçada à minha frente estava um catador de latinhas. Vestia uma camisa vermelha desbotada com a sigla de algo que me lembrava alguma central sindical. Possivelmente a

ganhara por doação ou por ter participado de alguma manifestação, daquelas que espalham palavras de ordem e que raramente promovem verdadeiras e duradouras mudanças na vida de pessoas como aquele personagem. Ele tinha uma espécie de azia no olhar. Não percebi rancor na forma como mirava o horizonte, apenas algo próximo à categoria da desesperança.

Os fones em meus ouvidos tocavam a versão em áudio da participação de Susan Boyle naquele programa gringo de talentos. Você deve se lembrar dela. A quase senhora gorduchinha que assombrou o mundo com a sua voz, calando olhos preconceituosos que, quando a viram pela primeira vez, riram sentados no colo do escárnio. Em um momento da música ela canta assim, e aqui traduzo livremente para o português: “eu sonhei um sonho que minha vida seria bem diferente deste inferno que estou vivendo”. Embora não fosse uma criação dela, parecia autoral, ou pelo menos algo com que ela se identificava bastante, tamanha a verdade que ecoava. Susan Boyle espantou o mundo com seu talento. O homem à minha frente parecia querer espantar a fome.

Quais sonhos ele sonhara durante a sua vida, especialmente em sua infância? Dificilmente fora o que ele estava vivendo. Posso estar absolutamente equivocado, motivado pela pretensiosa ideia de que podemos compreender totalmente o outro sem atravessar a ponte e chegar perto de verdade. De qualquer forma, não conseguia parar de olhar para ele enquanto a música, que faz parte da obra "Os miseráveis", chegava ao seu final. Minha feijoada chegou, farta e cheirosa. Antes de o garçom sair de perto de mim, pedi a ele um favor: que ele preparasse uma quentinha e entregasse ao homem que ainda estava sentado no meio-fio quente. Pedi ainda que não revelasse quem oferecera a gentileza; não queria que o homem se

sentisse na obrigação de agradecer, uma vez que isso poderia expô-lo ainda mais.

Instantes depois, a quentinha foi entregue ao seu destinatário. Olhei de rabo de olho, buscando não ser denunciado por mim mesmo. O homem agradeceu sorrindo ao garçom, que também parecia feliz por participar daquela trama humana. Na volta, piscou para mim, numa espécie de código secreto de parceiros de uma empreitada bem sucedida. A feijoada estava ótima. O rango que ofereci ao distinto desconhecido também parecia saboroso. Ele comia com gosto. Terminou antes de mim, pois eu comi devagar pensando naquela situação e também em outras coisas que teria de resolver durante a tarde. Provavelmente ele pensava nas muitas latinhas que ainda teria de recolher até o final do dia. Passando ao meu lado, qual não foi a minha surpresa quando o homem parou e disse baixinho:

– Obrigado, meu irmão, que todos os seus sonhos se realizem.

Ele seguiu rua acima. Instantes depois eu também segui, após um almoço acompanhado de alguém que me desejara exatamente o que eu desejava a ele.



## Mãos Dadas

Cena que me emociona no tique-taque do cotidiano é o enlaçar de mãos. A expressão “aperto de mãos” menospreza o espírito do gesto. Mãos que se encontram em nome da verdade não se apertam, tampouco se sufocam, mas se libertam e plantam asas pela percepção de que não estamos sós na jornada. Em vez de aperto de mãos, prefiro transgredir e propor o abraço de mãos.

São tantas as possibilidades e contextos nas quais essa atitude pode ganhar vida que fica impossível tratar em um único texto de sua sublime simplicidade rica. Talvez a velocidade recorrentemente sem direção de nossos passos nos afaste do tesouro embutido no toque de duas mãos. Chega a mim a imagem de duas raízes que se misturam, fontes primárias da vida de suas opulentas árvores. Pelos dedos corre sangue, seiva humana, que celebra a oportunidade de encontrar repouso em um recanto quente que propõe uma troca, simbiose gratuita, energizando as duas partes.

Por ora, contento-me em acionar a memória literal e simbólica para resgatar três de suas possibilidades. Todas me encantam, empolgam e depositam votos firmes na urna de minhas inocentes – ainda que desejadas – crenças na potência dos bons encontros.

Gente grande caminhando ao lado de crianças. Contato íntimo entre gerações, com mãos maiores abocanhando as mãos menores. Esqueçamos a hierarquia, o controle, a proteção meramente física,

pois aqui o papo é de outra natureza. O adulto – pai, mãe, avô, professor, irmão, cuidador – oferece ao rebento tijolos capazes de construir pontes. Tudo isso em um simples abraço de mãos. Pelo enroscar de seus miúdos dedos à fortaleza dos dedos do adulto, a criança ganha altivez nos passos, caminha entusiasmada com a possibilidade da travessia rumo ao futuro. No verdadeiro gesto que se dá no presente, o adulto lúcido e apaixonado oferece um futuro de paz ao pequeno ser, que, engajado na mesma proposta, pode multiplicar e eternizar um ritual de existências respeitadas e respeitadoras. Ao oferecermos as nossas mãos às crianças, nós, queridos e distraídos adultos, talvez devêssemos dar o devido valor ao ritual sagrado que se estabelece. Menos força e mais afeto, menos pressão e mais afeição. Transformemos as justificativas atraentes, tal como a folga ou mau comportamento dos pimpolhos, em lembretes de nosso processo de desenvolvimento. Não existem dois abraços de mãos iguais, assim como nunca entramos no mesmo rio duas vezes. No próximo, quem sabe o desejo de qualidade no toque possa superar a pressa, o mau humor e as demais cólicas existenciais.

Outra cena que me chega é o encontro de mãos amantes. No cinema, no barzinho, no caminhar pelo bairro, na sorveteria, no restaurante. Quando dois seres enamorados oferecem seus dedos um ao outro, a natureza sorri em festa. Ampliam-se as chances de continuidade da espécie, tanto no sentido mais erotizado quanto afetivo. Assistir a três horas de um bom filme no escurinho do cinema com mãos enlaçadas amplia sensivelmente a possibilidade de o restante dos corpos se entregarem com muito mais tesão e amor, tão logo encontrem um leito que permita a completude das carícias. Amantes que se abraçam também com as mãos enviam um ao outro um recado subliminar, algo sutil e contínuo, que abastece o projeto de vida em comum. Na certidão de casamento, assim como

no sermão do religioso que faz a mediação da cerimônia, deveria haver uma cláusula e um tempo dedicados com veemência ao tema, expressando que um casal que se preze e que pretende se aventurar nas mais lindas searas do amor deve praticar com um sorriso no rosto o enlaçar íntimo dos dedos. Agora ou daqui a pouco, ou ainda, quando possível (e o possível também depende do que propomos), aconchegue sua mão na mão que você ama. Assim, de graça, como um pássaro leve e cantante pousa no galho que o conduz ao ninho que guarda suas esperanças e capítulos do porvir, surpreendendo o outro que tantas vezes se mistura a você. Mãos que se abraçam me parecem muito mais potentes que a mais cara e opulenta das alianças de ouro ou diamante. E o melhor: você não precisa parcelar em inúmeras vezes em busca da quitação do débito contraído. O efeito é à vista, sem prestações, só com créditos e possíveis queimaduras deliciosas e imediatas de primeiro grau.

A terceira situação se dá na circunferência de nós mesmos, sem a presença de outro ser de carne. Refiro-me ao abraço de mãos em nome de uma oração, qualquer que seja o seu Deus. Quando o gesto se apresenta nesse contexto, o objetivo é estabelecer uma conexão com o divino, em busca de um pedido, um agradecimento ou simplesmente uma conversa franca e amiga com aquele a quem você confia a sua fé e o seu projeto de eternidade. Em um templo ou na praça, de joelhos ou às vésperas de se entregar ao sono, quando as mãos de um mesmo ser se unem e buscam o contato transparente e sincero com a transcendência, as dores do mundo ganham cores de esperanças ou de gratidões, combustíveis limpos da vida vívida.

Com muita vontade de abraçar mãos conhecidas e ainda desconhecidas, proponho algo mais: quando oferecermos as nossas mãos, extremidades máximas de nossos corações, completemos o gesto com a troca de olhares generosos. Algo mágico pode

acontecer, seja no encontro com a criança, o ser amado ou a divindade. Ofereço as minhas mãos desarmadas e nuas, cada vez mais crentes na potência dos bons encontros, ainda que as mãos de tantos sejam usadas para fins menos nobres. As minhas, sob meu controle, estendem-se a você, que também deseja brincar, amar e orar por uma existência menos tola e mais bela.



## Hércules para Presidente

A espécie humana não vive o seu melhor momento. Possivelmente, nunca na história da humanidade vivemos um período de tamanha barbárie. Aos defensores do racionalismo e da capacidade produtiva, estas afirmações certamente soarão como mero saudosismo de gente atrasada. Até porque esta é a era da criatividade técnica e suas inovações no cotidiano, com aparelhos que facilitam a vida, procedimentos estéticos que fornecem a ilusão da eternidade e pílulas da felicidade que podem ser compradas por R\$ 0,50 na farmácia da esquina.

Embora argumentos racionais a favor deste momento atual não faltem, quem guarda em si algum tipo de respeito à vida – os benditos sonhadores – percebe o tamanho do engodo disto que se chama civilização. Interessante perceber que se este é o momento civilizado, imagina-se que o passado foi bárbaro – não no sentido positivo do adjetivo. Exemplos ignominiosos de barbárie não faltam na história; o momento presente é apenas mais um, talvez o mais perigoso, porque o homem nunca teve tanto poder de destruição em massa. Só os EUA têm mais de cinco mil ogivas nucleares. Que sucesso! Agora eles podem destruir o planeta dezenas de vezes. Sim, barbárie, uma vez que entender como civilização o que se apresenta atualmente é o maior dos crimes contra o futuro da humanidade, pois cria a aparência do caminho certo, que estabelece uma perigosa e letal acomodação.

Antes de falar da verdadeira civilidade, por meio de um exemplo real, alguns tapas na cara de quem confunde progresso com desenvolvimento humano: nas médias e grandes cidades, o número de homicídios continua absurdamente alto, assim como os roubos a banco e as extorsões mediante sequestro. Mudando de capítulo, outras estatísticas indicam que mensalmente muitos milhares de automóveis são emplacados no Brasil. Quem vive em cidades de porte médio ou grande sabe que a equação “mais carros e ínfimo investimento em transporte coletivo” resultará em um colapso. Mas para que pensar em colapso se é a hora de estourar champanhes pelo sucesso das vendas? Como diria Rui Barbosa, “ó, bucéfalos anácronos!”. Para terminar esta sessão de argumentos, a lista dos remédios mais vendidos em solo tupiniquim sempre aponta um tranquilizante nas colocações de destaque. Talvez isto justifique a sonolência frente a fatos tão contundentes.

Há uma tremenda confusão acontecendo: a era da informação é comemorada sem pudores, e o mundo do conhecimento é aplaudido. Mas frente à realidade inegável fica claro que Píndaro tinha razão, ainda no sexto século antes de Cristo, quando disse que “a sabedoria é o conhecimento temperado pela ética”. Informação e conhecimento não geram dignidade de vida, necessariamente, se não forem sábios. Nesta mesma linha, dois dos mais expressivos gênios da humanidade podem completar o argumento: Benjamin Franklin, dizendo que “a maior sabedoria consiste em descobrir como aumentar o bem-estar no mundo”, e Isaac Newton, afirmando que “construímos muros demais e pontes de menos”; certamente este não estava se referindo às obras da engenharia civil.

Como seria bom se Hércules fosse candidato a presidente do Brasil. Melhor ainda: se fosse candidato a governante do planeta Terra! Por quê? O mito de Hércules foi a base da formação do homem grego

durante muitos séculos, dentro de processo amplo que se chamava Paideia (que durava praticamente a vida toda do indivíduo). Este momento da humanidade (anterior ao século quinto antes de Cristo) tem o direito – que o período atual não tem – de se proclamar uma civilização, embora não houvesse internet disponível nem celulares que fazem de tudo um pouco. Hércules, afinal, representa o caminho do herói, que descobre a duras penas que pela força bruta não se consegue o necessário aprimoramento. Em sua trajetória, enquanto ele usou braços, pernas e dentes, o desastre foi completo. Iluminado pelas divindades Atená (sabedoria), Hermes (caminhos e meios) e Eros (paixão) ele aprendeu, entre outras lições representadas pelos seus doze trabalhos, a sufocar sua violência interna, a vigiar seus vícios, a criar para si e respeitar os limites alheios, além de sempre dosar potência com gentileza e respeito à vida. Questões absolutamente urgentes nos dias atuais, marcados pela falta de respeito ao direito inalienável de nascer, viver e morrer com dignidade e honra.

Na Paideia, o jovem aprendia a ler por volta dos nove anos e a escrever por volta dos 15 anos. Antes disso, conhecia pelo seu mestre a importância da ética e da virtude para a preparação de um homem obra de arte. Pois qual o sentido de adquirir técnicas e mais técnicas se não for para aumentar o bem-estar no mundo? Missão impossível passar pela Grécia e não citar Sócrates, até porque ele arremata esta questão dizendo que é preciso aprender logo cedo a ética e a virtude, pois caso contrário os vícios e a mentira se instalarão. Afinal, para o conhecimento há a vida toda.



## As Amizades Sinceras

Essencialmente, precisamos de duas coisas na vida: comida e amigos. Se estes dois requisitos estiverem atendidos, todo o restante poderá ser organizado. Ouvi esta provocativa afirmação de um ser que admiro muito, o Dr. Patch Adams. Entendo o raciocínio dele de forma mais ou menos literal, podendo escorregar para o sentido figurado. Se optarmos por uma vida amplamente singela, comer e cultivar amigos atenderão nossas premências. Indo para o valor mais simbólico, virá a reflexão de que os principais alimentos derivam de duas fontes: a que se mede pelo valor nutritivo de frutas, verduras, legumes, cereais, carnes e demais quitutes e guloseimas, e a que vem dos olhos, ouvidos, palavras e carinhos daqueles que dividem conosco a caminhada, amigos dos mais variados modelos.

Agora estou celebrando a vida dos amigos sinceros, especialmente o fato de ter compartilhado e ainda compartilhar a jornada com alguns seres que me iluminam, chacoalham, inspiram, incomodam e confortam. Nesta categoria podem entrar os pais, irmãos, primos, tios, cônjuges, representantes religiosos e outros. Sim, podem ser considerados amigos quando realmente nutrem a nossa existência, ainda que por meio de críticas construtivas e outros métodos que, em princípio, nos desagradam, talvez por serem a mais pura verdade. Contudo, comemoro o tipo de “amigo amigo”, que é “somente” amigo e nada mais, vindo pelas curvas do rio e se enganchando em nossas vidas. Choveu fino em nosso terreno até se

transformar em tempestade e inundar de presença os nossos dias. Aquele tipo de gente que diz muito calada, conta histórias sem fim pelos olhares, sorrisos, gestos cúmplices de quem nos conhece como almas irmãs. Esta categoria é limitada, produto escasso. Em minha vida, se comparada a um armário, uma ou duas gavetinhas são destinadas a estas criaturas. Gavetinhas singelas, mas que explodem em sinceridade e confiança, iluminando todo o armário.

Infantis gavetinhas. Adolescentes gavetinhas. Adultas gavetinhas. Preciosas. Que raiva que eu tive de alguns amigos. Como os admirei depois da raiva pela coragem e respeito a mim dedicadas. É tão rara a oportunidade de ouvir a verdade carinhosa, que vem de forma assertiva, mas não violenta. Quando vieram destes seres das gavetinhas, muitas críticas que recebi foram duras, mas nunca desleais, nunca sem ternura. Haja coragem para falar a verdade carinhosa para quem não está a fim de ouvir, colocando em risco a saúde e a luz da gavetinha.

Amigo é coisa para se guardar debaixo de sete chaves. O lindo Milton canta de forma tão visceral esta música. Sete chaves com um sentido especial para mim: cuidado, interesse, amor fraterno por irmãos que, em alguma estação de nossa ferrovia, sentaram-se ao nosso lado. Sete chaves, como as sete vidas dos gatos. Por vezes pisei na bola com amigos sinceros, primordialmente melindrado por verdades que chegaram de forma arrebatadora. Por vezes, os amigos sinceros pisaram na bola comigo, porque eu também já disse as minhas verdades recheadas de boas intenções. Sete chaves. Sete vidas. Felizmente no caso das chaves perdidas existe a possibilidade de reprodução quando alguma se perde. O segredo de se produzir chaves novas está no perdão e na compreensão; pelo menos assim acontece em minha vida.

Saudades dos amigos da escola fundamental. Escola de aprender a ler e escrever. Escola de aprender a conviver. Pequenos amigos. Tão cúmplices, tão de mãos dadas e entregues às brincadeiras sem pressa. Recebam o meu beijo saudoso, queridos. Muitos de vocês não mais se sentam ao meu lado no trem. Desceram em estações diversas. Escolas, faculdades, trabalhos, bairros. Foram-se. Possivelmente não voltarão. Foram-se? Não. Ficaram. Eternizaram-se em minha memória. Por isso os comemoro. Amigos com nomes difíceis, com pais legais e pais chatos. Aqueles que dormiam em nossa casa, que faziam xixi na cama. Aqueles muito inteligentes e outros preguiçosos. Os campeões no videogame e os *don juans* precoces. Viva! Vivam!

A idade adulta vem me reservando bons encontros com amigos sinceros. Eles estão chegando em cada vez mais qualidade. Amigos sinceros são atemporais. Venham, venham! Tomem seus assentos! Embarquem em minha vida, novos amigos. Aqui vocês encontrarão gente boa demais, os meus já viventes amigos. Que texto confuso está saindo dos meus dedos, mente e saudades. Difícil se limitar a dizer que meus amigos são importantes. Chegam estímulos variados quando penso neles. Se alguém ainda continua lendo este texto, amigos em potencial são, pois no mínimo paciência com os meus devaneios estão demonstrando.

Comemoro, e muito, a existência dos amigos sinceros. Que tragam as suas verdades carinhosas, suas flechadas assertivas e ternas. Não quero parar de cultivar amigos, e não pararei. Eu adoro as minhas gavetinhas.





## Caminhadas e Cavernas

Sabe um daqueles dias em que você tem vontade de andar? Mais do que andar, caminhar. Parecem palavras parecidas, irmãs quase siamesas, mas aqui andar e caminhar são modalidades distintas, tão próximas quanto os pés, tão distantes quanto passos incertos.

Sem rumo definido, coloquei-me em uma estrada bonita. Caminhante querendo movimento, vento na cara, sem a velocidade dos veículos motorizados, mas empolgado com a possibilidade de chegar longe, suave e despreziosamente.

No céu, dia claro, sem nuvens. Um azul profundo, daqueles que motivam a voar os pássaros mais preguiçosos. Quando percebi, já havia caminhando um punhado generoso de terra. Terra, sim, porque em um dado momento da estrada optei pelo caminho menos óbvio. Silencioso rincão do mundo que mapa algum poderia apontar com clareza, já que nem mais no planeta convencional eu estava. Flutuava, apenas. Meus pés convidavam o restante do corpo a bailar. É isso! Senti assim a diferença entre o andar e o caminhar. O primeiro, funcional, deslocamento de massa corporal. O segundo, passo de dança, desafiante da gravidade, capaz de elevar a condição humana.

Quando já nem mais me importava com o tempo e o espaço, outros sentidos gritaram. Cada pelo meu se eriçou por um ar diferente que chegou, tal como todo o meu olfato foi invadido por um perfume

especial. Se o canto das mais belas sereias tiver um cheiro, posso arriscar que deve se parecer com aquele. Rendido que estava à caminhada, deixei-me fisgar pelas pistas sensitivas, e simplesmente fui.

Instantes depois foi a vez dos meus olhos se sensibilizarem com a paisagem encontrada em meio ao tato e ao olfato em festa. Cores explodiam em exuberância como as que moram e moraram nas paletas de imortais pintores. Vislumbrei uma trilha irresistível. Quando dei por mim, embriagado por um vinho de múltiplos tons, percebi que estava à entrada de uma caverna. Do lado de fora, luz intensa. Do lado de dentro, luz a ser desvendada. Entrei, sem nem saber que naquelas cercanias existia um local como aquele. Talvez a luz intensa do lado de fora por vezes nuble a capacidade de explorar espaços cujas escuridões guardam e aguardam descobertas.

Já dentro da caverna tateei aos poucos, satisfeito por continuar a sentir um cheiro bom e uma brisa que aquecia e esfriava meu corpo, simultaneamente. O escuro chegava a incomodar, mas sem me impedir de prosseguir. Quanto mais me lançava nas profundezas daquele baú natural, mais me empolgava com a aventura. Medo, coragem, sorrisos e apreensão me abraçavam. Indefinível sensação de possibilidades. Caminhar no escuro, embora seja excitante, pede luz em algum momento, como quando deseja-se um bom bocado de ar após se perder a respiração em meio a uma dança empolgante.

Uma fresta me apontou um pequeno facho brilhante. Cheguei perto e percebi que uma pedra de porte imponente bloqueava a entrada de mais luminosidade. Empurrei, mexi, usei a força. Queria mais luz. Esqueci-me dos sentidos e me concentrei nos músculos. Nada de novo. A pedra que ali estava, ali permaneceu. Pela primeira vez desde o início daquela jornada, senti um incômodo. Mais força,

mais empurrões, até mesmo chutes. Desejava compulsivamente permitir que a caverna se clareasse.

Quando estava quase desistindo, observei a pedra por outro ângulo. Talvez o emprego de minha força estivesse no sentido errado, pressionando mais do que libertando. Tentei de outra maneira, respeitando o rumo a que tendia aquele pedaço de mundo que dormia naquele templo há mais tempo do que se pode contar. Para minha surpresa, e com muito menos esforço, consegui fazer com que a fresta se ampliasse e a luz penetrasse, atingindo meus olhos como um beijo saudoso de perdão e pazes. A caverna, antes escura e diferentemente agradável, agora era um pouco mais clara e, ainda assim, um recanto acolhedor, mesmo que à sua maneira tão peculiar.

Satisfeito com a experiência, fiz o trajeto de volta. Alcancei a saída e parei alguns passos adiante. Senti-me tomado por pensamentos, perguntas, desejo de explicações, definições e certezas de tudo o que tive a oportunidade de conhecer. Múltiplos presentes sem remetente. Destinatário curioso, queria tirar do anonimato quem me admirara naquele encontro. O que ou quem era aquela caverna em minha experiência metafórica? Enquanto fiz força para entender, tive o mesmo resultado, ou a falta dele, assim como aconteceu no primeiro momento com a pedra lá de dentro. Deixei fluir, então.

Caminhando pela trilha no sentido inverso, escutei algo. Um som ainda indefinido chegava em ondas uníssonas. Olhei em volta e percebi, desafiando qualquer lógica pretensamente plausível, que aquilo que eu ouvia tão lindamente vinha da boca invisível das flores. Fechei os olhos, senti borboletas na barriga e lágrimas na face. A resposta me estava sendo dada. Cada uma e todas aquelas

inúmeras filhas da natureza, ninfas de beleza indizível, sussurravam docemente: é o amor.

# Presente Ausente

– Felipe, você pode falar um pouco agora?

– João? Uai, não está rolando a sua festa surpresa aí?

– Tá, sim. Mas eu vim aqui no quarto te ligar. Aconteceu uma coisa que me deixou muito triste.

Assim começou a minha conversa com um grande amigo há alguns meses. Era o aniversário de 40 anos dele, e infelizmente a data da festa surpresa organizada pela sua esposa coincidiu com uma viagem a trabalho que eu havia marcado muito tempo antes. Esse amigo é bem próximo, tanto que faço parte do círculo de amizades que frequenta a sua casa. Senti muito mesmo a impossibilidade de estar presente naquele momento, especialmente quando ele me contou o motivo de sua ligação.

– O que aconteceu, meu caro?

– A minha filha acabou de me dar um presente.

– Ué, e desde quando isso é motivo de tristeza? O que foi que ela te deu? Meias quadriculadas?

– Tô falando sério, cara.

– Foi mal. Então me conta o que ela te deu.

A filha dele tem 13 anos. Conheço-a desde os dois anos de idade, e cada gesto dela desde então foi como uma prova de amor pelo pai. É simplesmente encantador como ela o observa com admiração e ternura, fascinada por qualquer bobagem que ele diz. Quando ele me disse que a sua tristeza era motivada por um presente vindo dela, estranhei muito e pressenti encrenca grossa.

– Foi a primeira vez que ela foi comprar o meu presente sozinha. A mãe deu o dinheiro e ela foi ao shopping ao lado de sua escola. Olhando para esse presente que ela me deu, posso imaginá-la caminhando exaustivamente pelos corredores em busca de algo especial para mim. Você a conhece. Sempre busca me agradar. Imagino que a decisão de comprar isto aqui tenha sido a última opção, exatamente pela falta de opção.

– Vai me contar o que ela te deu ou vai me deixar aqui curioso?

– Ela me deu um vale-presente de uma livraria.

– Um vale-presente?

– Sim.

– E isso te deixou tão triste? Até onde eu me lembro você gosta de ler, ouvir música...

– Você ainda não entendeu, né?

– Pelo jeito, não mesmo...

– Felipe, a minha filha não foi capaz de escolher algo para mim porque simplesmente há anos eu deixei de conviver com ela como deveria. Trabalho 12 horas por dia e quando chego em casa dou um beijo formal na turma e volto para o computador. Como ela poderia

saber o que eu gosto de ler, ouvir, que roupa estou precisando? Você me entende?

– Acho que entendi.

– Cara, minha filha vai completar 14 anos e não conhece o pai o suficiente para lhe dar um presente. E não a culpo, porque ela só queria acertar, e como não se sentiu segura, escolheu algo neutro. Quando abri o envelope e vi o vale-presente, eu acho que não consegui esconder minha tristeza. Foi como se uma ficha caísse, um vento de lucidez soprasse em minha cara. Um verdadeiro tapa de realidade! Quando foi que isso aconteceu? Quando eu deixei a minha pequena de lado?

Senti uma tremenda amargura na voz dele. Aquele cara durão, cheio de sucesso na vida profissional, admirado por tantos por sua escalada rápida no mundo corporativo, naquele momento só tentava esconder o choro iminente. Confesso que fiquei feliz com aquelas palavras dele. Não porque desejo o seu mal e estava curtindo a situação toda, mas exatamente pelo contrário. Algumas coisas só podem ser descobertas pelo próprio protagonista, caso contrário não surtem o mesmo efeito. Ele chegou à conclusão, ajudado pelo fato que a ele pareceu revelador, que havia permitido e patrocinado com a sua ausência um hiato grande demais naquele laço entre pai e filha. Aquela festa surpresa lhe estava apresentando o melhor presente de todos: o encontro com a verdade em tempo de corrigir os descaminhos.

– Vou te dizer, meu caro. Se por um lado estou chateado com a situação, por outro estou feliz que você tenha se dado conta que está ausente. Que tal aproveitar a situação e conversar agora mesmo com a sua filha? Já que ela ajudou a organizar a festa surpresa, surpreenda-a com um papo sincero, abrace-a e prometa a vocês dois

que pretende fazer diferente. E, por favor, vacilão, vê se cumpre, se não eu vou te dar uns tapas na cara para você ficar esperto!

– Fechado. Valeu pelo papo.

– Até mais. Depois levo o teu presente. Eu posso te dar um vale-presente, né?

– Por que você não vai se f...?

– Tchau!

– Tchau.

Risos das duas partes. Desligamos a chamada. Fiquei na torcida para que ele cumprisse o que havia anunciado. Terminei aquela noite pensando sobre o fato de sermos finitos. Sim, é inegável que não há negociação com o tempo. Uma hora o nosso termina e pronto. Mas, ainda que finitos como seres, enquanto estamos por aqui temos infinitas possibilidades de fazer diferente, inclusive em se tratando de pedir perdão ou perdoar. Que as nossas atitudes sejam coerentes com as nossas descobertas. E que o melhor de nossa energia seja aplicado na busca por aquilo que somos e o que queremos. E que sempre tenhamos alguém pra telefonar quando a coisa apertar.



## Capacidade de Redimensionar Obstáculos

Como venta na vida da gente. Sopros, brisas, ventinhos, ventos, tempestades. Deslocamentos de ar que tiram o ar da gente. Uma vez a minha mãe me contou uma história.

Em nossa casa de Cuiabá, onde vivi dos 9 aos 15 anos, crescia um coqueiro enraizado no gramado em frente à porta de entrada. Crescia, porque um dia parou de crescer. Gerou dentro de si algo tóxico, que atrofiou sua potência de existir, fazendo daquele gigante que atravessou a minha infância e adolescência um objeto inerte no chão. Antes de cair, entretanto, o coqueiro fez parte da história que minha mãe testemunhou.

Era preciso cortar o coqueiro, uma vez que ele poderia se quebrar e cair sobre a casa. Quando as pessoas contratadas chegaram, foram direto ao ponto e colocaram a madeira abaixo.

Trabalho feito, partes recolhidas. O cenário estava diferente. Um grande vazio. Mas um vazio ainda maior estava por vir.

Algum tempo depois da retirada do coqueiro, um pássaro chegou ao local. De longe, minha mãe observava a insistência dele em fazer voos rasantes. Estava nítido que ele procurava algo.

Voa daqui, voa de lá, o pássaro começou a emitir sons agudos. Uma espécie de canto fúnebre, uma declaração de dor. Naquele instante,

minha mãe percebeu o que estava acontecendo. O pássaro deixara o ninho com seus filhotes e fora buscar alimento. Quando regressou, não havia mais ninho, nem filhotes, nem coqueiro. Só o vazio e o incontrolável desejo de mostrar ao mundo a extensão de sua dor.

Caramba, que história triste para ilustrar o tema. Cheguei a pensar nisso quando comecei a escrever. Um pouco depois, sentindo a intersecção entre o assunto e a história, conclui que não se tratava de ser triste ou alegre, mas sim verdadeira e intensa.

De volta ao vento, que venta sem parar. O pássaro sofreu uma dor intensa, uma tragédia.

Subitamente seu tesouro mais precioso foi subtraído. Hoje em dia eu sei a diferença entre uma tempestade, um vento e uma brisa. Assim, caminho muito mais leve pela vida.

A brisa tira um pouco as folhas do lugar; dá a impressão de desordem, mudança de formato, agitação. Pouco tempo depois, todavia, as folhas se ajeitam novamente. Acontece sempre.

O vento é mais forte, pode até mesmo arrancar uma ou mais folhas. Dói. Leva uma parte, deixa outra. Estampa a impermanência diante de nossas retinas céticas e prepotentes. Menos frequente, e ainda assim nos visita com regularidade.

A tempestade é diferente. Golpeia impiedosamente, sem anunciar. Zastrás. Foi-se o que era meu. Meu? O que possuímos, afinal? Sinto que possuo verdadeiramente poucas coisas. A maioria delas. ventos e tempestades podem colocar em cheque. Talvez seja esta a grande função dela, via de regra denominada malvada, desumana, diabólica. Não. Despedir-se é parte óbvia da vida. Aprender a deixar partir é a conquista.

Comemoro a capacidade de redimensionar e ajustar meus obstáculos. Inserir-los em suas verdadeiras categorias me faz caminhar mais alegre e firme. Brisa é brisa. Vento é vento. Tempestade é tempestade. Transformar tudo em tempestade é passar a vida tentando reunir os cacos da gente mesmo e procurando palha em furacão. Transformar tempestade em brisa tampouco é seguro.

A consciência que comemoro me presenteou com uma habilidade que muito me agrada neste momento da vida: a resiliência. Ela me permite receber os impactos da caminhada e endereçá-los corretamente dentro de mim. Assim, a dispersão de energia é muito menor e a saúde é valorizada em sua vertente física, emocional e social.

Viva a correta compreensão dos deslocamentos de ar, pois ela é capaz de transformar ar que sufoca e desnorteia em força propulsora.

Avante, filhos do vento!



## Quase-Tese Econômica

Um dia fui visitado por um pensamento nada original, mas que causou cócegas gostosas em minha ambiciosa proposta de ser menos tóxico e mais nutritivo a mim mesmo e aos outros.

Enquanto eu dava conta de alguns afazeres domésticos inadiáveis por questões de dignidade, elaborei uma singela quase-tese econômica. O computador tocava a deliciosa trilha sonora do filme cuja protagonista é a personagem Amélie Polin.

Comércio exterior. Importação e exportação. Indicadores econômicos. Déficit e superávit. Expressões poderosas, quase xingamentos para a maioria de nós. Na verdade os verdadeiros xingamentos são menos ofensivos do que aquilo que os entendidos em economia fazem, usualmente fabricando exploração e miséria para alimentarem o monstrinho da ganância que habita nossos poros tão humanos. Mas a minha reflexão foi muito menos complexa do que aquelas que os profissionais do tema costumam enfrentar e engendrar. Pensei na economia em seu sentido original. Lei da casa. Há tempos aprendi que etimologicamente é esse o sentido dessa palavra. Salve, Viktor D. Salis, eterno professor.

Pensei na dualidade constante entre sermos importadores e importantes. Quem não quer ser importante, aos olhos dos outros, em uma ou mais dimensões de nossas vidas? Não me refiro à importância banal, como reconhecimento frágil e passageiro. Não

me refiro aos quinze minutos de fama. Falo de sentir-se, de fato, importante aos olhos e corações alheios. Eu desejo ser importante. Mas o quanto eu sou importador? Para que a balança seja positiva nesse sentido, superavitária, não tenho mais dúvidas de que antes de querer ser importante eu devo me esmerar na arte de ser importador. Valorizar o outro. Claro, o outro que merece, ao menos em minha opinião, sempre tão sujeita às oscilações. Aos que não fazem parte de minha lista de bons afetos, não me esforço em fazer mal. Minha energia mal dá para resolver as minhas coisas, que dirá arquitetar pensamentos, sentimentos e ações para prejudicar quem quer que seja. Tenho para mim que tem gente que cava seu próprio buraco, entra e cobre-se até a última pá de solidão triste. Enfim, prefiro me ocupar daqueles que me encantam.

Em relação aos seres que me parecem encantadores, prossegui na reflexão. Talvez eu, e quem sabe você também, ou seja, nós, estejamos querendo a qualquer custo o título de importantes antes mesmo de importarmos, pela valorização explícita e cotidiana, aqueles que fazem as nossas existências mais alegres. Quero inverter essa lógica perversa e narcisista. Ô, tarefa difícil! Em tese é simples, mas vira e mexe vem o vício de querer instaurar taxas de importação. É assim: eu posso até importar o outro, reconhecer o seu valor, demonstrar o quanto ele é importante, mas se vacilo um instante lá estou eu apresentando a conta por querer bem o outro. Talvez só a consciência disso e a disposição para fazer diferente possam afastar de mim essa caixa registradora do capeta.

Campanha pelo superávit afetivo! Antes de querer ser importante, quero importar para os melhores cômodos de minha morada aquelas pessoas que me encantam. Que nesse rumo caminhem minhas diretrizes econômicas. Que essa seja a lei máxima da minha casa.

Hora de continuar com os afazeres domésticos, mas agora no lado de dentro. Tantas reformas para fazer nas estruturas internas, para que os meus convidados desfrutem de bons e confortáveis momentos. Minha casa, sua casa. Acho que agora entendi a expressão!





## Quem Não Desempata Acaba Rebaixado

Mais difícil que realizar parece ser decidir. E a decisão é ainda mais desafiadora quando as coisas parecem estar nos conformes, ao menos aparentemente.

Primeira expressão incômoda do texto: nos conformes. Sei o que ela quer dizer em seu sentido geral. Mas sendo só um pouquinho chato é possível observar outro significado: estar conformado. Ou ainda, estar dentro de uma forma. Se ainda fosse estar com o corpo em forma, ao menos a saúde física gritaria menos por socorro.

Às vezes não tem nada de errado em estar nos conformes. Uma única medida determina se isso é interessante ou não para o sujeito da conformidade: sensação de coerência interna, ou ainda, bem-estar subjetivo. Pelo menos na maior parte do tempo, ou tempo suficiente para acalmar a danada da angústia de existir.

Outra forma de apresentar o conformismo da pessoa conformada é com a expressão "empatada". No universo futebolístico, empatar quase nunca é bom. Quando o campeonato é de pontos corridos, o empate vale um ponto, enquanto a vitória vale três. A diferença entre a derrota e o empate, portanto, é bem pequena. Talvez seja um incentivo para que o time arrisque, jogue para vencer. Quando se trata de um duelo do tipo mata-mata e um dos times tem a vantagem do empate, às vezes uma equipe joga com o regulamento, cozinhando o jogo para que ele termine o quanto antes e a vitória

venha. No entanto, são inúmeros os casos em que o time medroso sofreu um revés e foi punido por ter apostado em uma estratégia, no mínimo, medíocre, para não dizer covarde e pouco desportiva.

Futebol é espetáculo. Vida é mais ainda!

Ficar empatado, arrastando o jogo, conformado com algo que não vai bem, atrofia o espírito vital dos jogadores. Que tal desempatar? Claro que tentar isso a qualquer custo pode resultar em desastre, especialmente quando feito de qualquer forma, com a displicência e o destrambelhamento querendo se passar por coragem. São coisas bem diferentes. Corajoso não é quem ignora o medo, mas, sim, quem reúne forças e atitudes para enfrentar a paralisia e ousar fazer diferente. O medo, parente meio patinho feio da cautela e da serenidade, é um dos responsáveis pela sobrevivência da espécie humana ao longo do tempo. Ele é parte do time, convidado importante dos diálogos que determinam as jogadas que serão feitas em busca da vitória.

Assim, seres em busca do desempate respeitam o medo, mas não são submissos a ele. Tampouco são submissos aos gritos que vêm de fora do campo, com recomendações que, ainda bem intencionadas, podem estimular o atleta a jogar para a torcida, esquecendo-se daquilo que é importante para si mesmo. Quantas vezes já fizemos gols contra após ouvirmos os cantos das sereias que estão fora de nossas quatro linhas? As regras dos jogos individuais são responsabilidades de cada um. Claro que podemos ouvir quem quer que seja, especialmente quem parece se importar de verdade conosco. Mas quando o apito agudo dos juízes internos sufocam, o jogador precisa bater no peito e assumir a jogada. Até porque, quando a partida termina, a torcida vai embora e nós ficamos em nossos campos, digerindo o resultado das opções que fizemos,

celebrando com fogos de artifício ou vendo os refletores se apagando e abrindo espaço para o silêncio devastador.

Ainda como no futebol, quem só empata pode acabar sendo rebaixado. E não conheço rebaixamento mais triste que o consciente, que dia-a-dia corrói a vontade de vencer e de viver.

Sempre é tempo de desempatar! E o desempate só acontece pela sucessão de jogadas ativas, esforçadas, entusiasmadas, corajosas. Virão as contusões, o cansaço, o desânimo, as críticas, o medo do ridículo. Mas que não morra a vontade de jogar mais bonito. Felizmente o nosso jogo não precisa terminar em 90 minutos. O campeonato é longo e o troféu está reservado a quem busca melhorar a cada rodada. Melhor que ser melhor que os outros é olhar para nós mesmos e descobrir o que ainda falta para desempatarmos.

Que tal começar agora? Fortalecimento de músculos e alma, alongamento, respiração, emoções inteligentes, entusiasmo, muita água! E vamos ao campo! Quem realmente gosta do seu time vai oferecer apoio, mesmo quando você escolher jogadas menos conformadas e mais ousadas.

O que seria do futebol sem o toque individual do craque? O que seria da vida sem a coragem de ser o que sou e posso vir a ser? Viva o espetáculo do desempate de nós mesmos!



## Feliz Lente do Olhar Generoso

Eu sinto grande afeição pela potência do otimismo, ou ainda, pelo encantamento dedicado ao porvir. Venha, futuro, torne-se presente em minha vida com as suas cores e formas. Otimismo para mim é combustível essencial até mesmo para suportar os momentos de desafios bravios.

Agora escrevo sobre aquilo que nutre o meu otimismo, preenchendo o repositório de esperança ativa, ou seja, aquela que nos põe em movimento – pela crença – rumo à construção, tão mais potente que a espera, que se torna chata de tão repetidamente frustrante.

Escrevo sobre uma tal lente que, sorrateira, rondava meus pensamentos e sentidos, e agora decidi chegar com um repente. O estopim para este texto é um exemplo bastante prático que me invadiu de forma potente.

Desembarcando na cidade de Joinville, em Santa Catarina, saí da sala de bagagens puxando a minha mochila, que mais se parece com um escritório nômade e errante. Além de badulaques diversos de porte pequeno, normalmente carrego um computador e seus acessórios, livros, agenda, troca de roupa, um par de tênis e outros itens de higiene pessoal que dispensam apresentação pública. Alpinistas do Everest carregam menos coisas do que eu, posso apostar.

Mesmo tão pesado na bagagem literal, a feliz lente do olhar generoso, sinônimo de bagagem leve na alma, permitiu que eu descobrisse uma cena cotidianamente poética, da mais pura inspiração anímica e amorosa. É esta a decisão cotidiana que aqui celebro: encontrar beleza nos recônditos da vida. Tudo tão disponível diariamente. Posso até “neologizar” e dizer que, mais que diariamente, tudo tão disponível “horamente”, “minutamente”, “segundamente”, eternamente.

Vamos lá, nomeiem-me Poliano, versão de calças da Pollyanna da ficção! Aceito a crítica! Recebo-a como um presente. Todavia, juntamente com a crítica afiada e ácida, provem-me que minha decisão de buscar beleza nas singelezas não me ajuda a encarar os mais revoltos mares de minha jornada. Se alguém me provar que o pessimismo e a visão turva e pobre do rancor e desamor – tantas vezes eufemizados com o discurso do realismo e temperados com ares de responsabilidade – me ajudarão a suplantar meus degraus, adivinhem, ainda assim resistirei bravamente, teimoso que sou. Enquanto eu crer e for presenteado pelas consequências do otimismo, viverei com ele em minhas palavras e atitudes.

Ah, sim! A situação inspiradora vivida no aeroporto. Perdoem-me as digressões. Ainda estou digerindo a beleza daquele momento, juntamente com a felicidade que sinto ao dar vida a estas palavras.

Quando saí da sala de bagagens, uma moça bonita vinha correndo em direção ao local de onde eu vinha. A cada passo seus braços se abriam mais, em sintonia íntima com um sorriso que crescia, mostrando dentes e alma banhados por euforia e emoção. Um pouco mais atrás vinham uma senhora e um senhor, caminhando na velocidade de suas idades. Sua alegria, entretanto, os projetava adiante, e os três invadiram o meu olhar. Decidi me virar e entender o motivo daquela correria feliz pelo saguão. Só vi abraços e beijos.

Vários. Abraço de amor entre homem e mulher. Abraço do filho chegado no velho querido. Voltei, meu pai! Abraço materno, colo terno. Meu filho, que saudades! Palavras desconstruídas, tão perfeitamente lançadas. Não consegui disfarçar meu interesse. Aliás, dezenas de pessoas assistiram de camarote ao reencontro. Pessoas que se amam se reencontravam bem à nossa frente. O rapaz chegava de longe, possivelmente após muitos dias de ausência. Quanta potência na situação. Diversos tipos de amores, todos nobres, chegavam à carga máxima naquele instante único. Ninguém aplaudiu, pelo menos não com as mãos. Sorrisos muitos, entretanto, cumpriram excelente papel de palmas, como uma plateia ávida por espetáculos da vida real.

Os quatro saíram devagar, enlaçados.

Eu segui adiante, agradecendo a feliz lente do olhar generoso, que me permite cada vez mais farejar e aproveitar quitutes da experiência do bem viver. Contemplar a pulsão de vida saudável ao meu redor é fundamental no desenvolvimento do meu bem viver. Filosofo-o, aprendendo, assim, mais sobre ele, em congruentes encontros de devaneios e experimentações. Comemoro esta possibilidade, fortalecida pela decisão contínua de criá-la.

Este simples exemplo da aplicação da feliz lente do olhar generoso é uma amostra do que colho diariamente em pomar cada vez mais exuberante e rico. Tantos sabores! Comemoro de forma entusiasmada a nitidez e a acurácia crescentes da lente. Por vezes, reservo parte da energia conquistada para limpar a lente que ainda se turva teimosamente, com minha envergonhada permissão.

Liguei uma música que gosto (preservo-a para conservar alguma intimidade acerca deste momento), apanhei o computador e escrevi. O resultado é isso que você acabou de ler.

Torço muito para que você leia este e tantos outros estímulos com as mais cristalinas lentes. Assim, você comemora comigo e eu com você a decisão de também enxergar o bem para enxergar além.



## Todas as Mães da Minha Vida

Um dia acordei com vontade de escrever sobre as mães. Desde que eu me entendo por gente tenho especial apreço pelas características da figura materna. Ela sempre me encantou, tanto quando presentes nas mulheres quanto nos homens. A potência de cuidar que pulsa numa verdadeira mãe cheira à plenitude de vida. Em minha casa tive duas mães, meu pai José e a digníssima dona Janete. Ambos me presentearam, desde rebento, com as delícias do amor em ação. Beijaram-me, abraçaram-me, apoiaram-me, esculpiram em mim, com esforço, honra e bondade, as asas que hoje me permitem sentir o vento na cara nos voos que arrisco.

Como num trabalho de parto desafiador, este texto está pulsando em mim há mais de 12 horas. Que dor desejável é essa que rasga as entranhas sem pedir licença, pois sabe sem explicações que o motivo é nobre, essencial e avassalador. Estas palavras são fruto de uma dilatação anímica. Talvez somente almas que se dilatam em busca do parto sem máscaras deveriam poder escrever algo. Eu escrevo num estado de esgotamento físico, após duas horas de corrida em meio às naturezas, árvores e prédios modernos, mães de ontem e hoje. Ao final da corrida, um abraço necessário: as primeiras palavras ganharam a página juntamente com a segunda taça de vinho, sangue de Jesus e Dionísio. O primeiro, o humano mais divino que já nos visitou, devoto confesso de sua mãe Maria. O

segundo, divino por completo, símbolo da fertilidade, força que se alia à mulher no pacto pela existência.

Tem pai que é mãe, professora que é mãe, amigo que é mãe, irmã que é mãe, poeta que é mãe, saudades que é mãe. Sinto saudades de todas as mães do meu passado; sei pouco sobre elas, pois viveram em terras estrangeiras. Mas sei o suficiente para me julgar rico em termos de amor de mãe. A minha própria, por exemplo, é filha de um amor estrondoso. Meu avô materno, Elias, que a roda do tempo não me permitiu conhecer, veio com a minha bisavó do Líbano. Era chamado de Garantido por todos na pequena cidade em que vivia no interior de São Paulo. O motivo da alcunha era a disposição tenaz que tinha em ajudar no que pudesse a quem quer que fosse, mesmo quando não tinha nem para si. Não conheço gesto mais materno. Era ele capaz de ser assim porque era filho de uma mãe verdadeira. Cruzaram mares juntos, em busca de dignidade. Deixaram em outras terras filhos e irmãos, que a escassez de recursos nunca permitiu reencontrarem. Impossível medir a dor de uma mãe que nunca mais teve a chance de ver os seus filhos. Restaram os dois, unidos visceralmente, numa pátria desconhecida. A firmeza de caráter permitiu a ambos uma vida simples, mas bonita. Ele viveu ao lado dela. Morreu em grande medida quando ela se foi. Em pouco tempo estavam juntos, cruzando novos mares desconhecidos.

Ficou uma família cheia de mães.

Eu e minha filha decidimos ligar para todas as mães das nossas vidas. Na realidade, as minhas mães, herdadas e acolhidas carinhosamente pela minha filha. Ligamos para a minha irmã – cada vez mais mãe de duas crianças lindas –, minhas tias e primas que já tiveram a oportunidade de oferecer ao mundo filhos de mesmo sangue que o meu. Também falamos com a mãe da minha filha, que ao ganhar esse título me deu o maior presente que eu

poderia escolher em toda a minha vida. Não me esqueci da minha mãe, que vive a 1.700 quilômetros de mim. Durante a ligação telefônica, um aroma de nostalgia e incompletude. A distância é difícil para ela, assim como para mim. Uma vez li algo que me consola nesses momentos: mais importante que estar ao lado é estar do lado de dentro. Estamos irremediavelmente enlaçados por muitos anos de entrega e torcida.

Todas as grandes histórias passam por grandes figuras maternas, homens ou mulheres. Sócrates só foi Sócrates por conta de sua mãe, Fenareta. A ela dedicou a sua obra, afirmando que buscava em tudo o que fazia imitá-la em sua missão de parteira. Como discípulo dela, viveu seus 79 anos auxiliando seus discípulos na árdua tarefa de parir o espírito. Morreu por isso; em realidade, escolheu morrer por isso, para não ter de abrir concessões em relação à sua missão. Amor de mãe verdadeira também dá luz à ética. Fenareta, mãe admirável, esculpiu um dos homens mais brilhantes que se tem notícia.

Amor de mãe é como cavalo selvagem: corre porque nasceu para correr, ama porque nasceu para amar, dedica-se porque assim honra seu destino e talento. Quanto mais galopa pelas pradarias, firme em seu papel e escolha, mais mulher se torna, gerando energia de ordem atômica capaz de superar quaisquer outras contendidas. Como uma Antígona – que morreu pelo amor de mãe que tinha pelo irmão – ou Medeia – que preferiu a morte dos filhos a vê-los vivendo uma vida desonrada –, eu me emociono todas as vezes que conheço uma mãe que se lança nos vales e montes como um cavalo selvagem, cuja musculatura e coragem resumem a minha esperança na humanidade.

A minha mãe, dona Janete, nasceu para ser mãe. Ofereceu aos seus filhos asas fortes, mesmo sabendo que elas poderiam levá-los para

longe da sua presença física. Que bom que além de asas, ela e meu saudoso pai alimentaram em nós também raízes, para que saibamos o nome da casa de onde partimos.

Gratidão.

## Qual É a Música?

Há quanto tempo me acompanham as notas musicais? Desde quando tenho memória. Resgatando a ideia da reencarnação celular, quanta música minhas células ancestrais já ouviram. Ufa! Infinitas horas. Ritmos, melodias, instrumentos, contágio exuberante que a união das notas pode nos proporcionar.

Juntamente com a fome de falar sobre música, uma frase me atingiu e me alertou. Ray Charles, cantor admirável e ser humano que passou por muitos desafios na vida, vencendo a luta contra as drogas e as armadilhas da fama, disse: “eu nasci com a música dentro de mim. Ela me era tão necessária quanto a comida ou a água.”

Sim, sim, sim! A música é tão necessária quanto o alimento. Pois quanto a música é capaz de nos alimentar? A mim ela alimenta, saborosamente. O bom de celebrar a música é a linda metáfora que ela é capaz de me presentear. Afinal, tenho cada vez mais certeza que cada ser humano nasce com uma música interior, potências virtuais que podem se tornar reais e atuais. A música interior está para nós assim como a semente está para a árvore. Existe uma árvore dentro de cada semente. Existe um senhor ser humano dentro das notas existenciais da música interior. Como é bom sentir as minhas notinhas se apresentando, conhecendo-se, desafinando-se e reordenando-se, enfim, brotando. Sinto que muitas pessoas passam pela vida sem permitir que a música interior ganhe volume

e invada o universo. Medo de desafinar, talvez. Quem não o tem? Eu tenho, mas que me perdoem os vizinhos, pois continuarei cantando, instigando a minha semente a se tornar árvore. Devo isto à minha raiz, tão delicada e carinhosamente cuidada.

A música é tão democrática. Enquanto aquecia a voz do coração e da mente para escrever, brinquei de liquidificador de composições musicais. O que é isso? Um termo que acabei de criar. Primeiro mostro a criatura, e depois falo da criação:

“Sabe, tchurururu  
Percorri tantas fontes  
É incrível  
Nada desvia o destino  
Não é assim tão complicado  
Não é difícil perceber  
O que se leva desta vida  
O que se come, o que se bebe, o que se brinca  
Hoje tudo faz sentido  
Tenho tempo de sobra  
E ainda há tanto a aprender  
Porque de tudo que eu quis  
O que mais chamou minha atenção  
Foi a arte de sorrir cada vez que o mundo diz não  
Reaprender a sonhar  
E enfrentar o dia-a-dia  
Eu vim pelo que sei  
Como eu sou feliz, eu quero ver feliz  
Vem vambora  
Rir, desfrutar das delícias que há  
Quando se tem o amor, sentimento maior  
Os olhos cheios de cores  
Eu só quero amar, só quero amar, só quero amar  
Nesta longa estrada da vida  
Não te esqueças que és um palhaço

Faça a plateia gargalhar”

Não me perguntem o que é a composição acima. É um Frankenstein musical, uma criatura que surgiu da mistura de Djavan, Elza Soares, Clara Nunes, Jorge Vercillo, Ana Carolina, Adriana Calcanhoto, Simone, Tim Maia, Caetano Veloso, Claudinho e Bochecha e Milionário e José Rico. Fui conectando as partes e, em minutos, surgiu uma mensagem. Viva a democracia da música! Experimente você também o liquidificador de composições.

Ouçõ música constantemente, historicamente. Quando acordo e quando vou dormir. No carro, na corrida. Muitas vezes, não preciso de música pronta. Busco música no ambiente, nos sons naturais de um parque ou potencialmente irritantes da metrópole. A música é um pacote turístico completo: oferece a viagem, seduz para chegar mais perto, entrega as passagens, transporta, emociona, diverte, acalma, relaxa, estimula e traz de volta. Poesia em movimento.

Claro que tenho minhas preferências musicais. Elas foram sendo criadas ao longo do tempo e vêm sendo enriquecidas pelo gosto de descobrir novos estímulos musicais, tenham eles sido criados recentemente ou há 200 anos.

Comemoro a possibilidade de descobrir música de qualidade no dia a dia. Comemoro também a ampliação da capacidade de perceber beleza nas canções, assim como nas pequenas notas que correspondem aos momentos singelos do meu cotidiano. Mesmo Nietzsche, que muitos consideram um pessimista de carteirinha, disse que “sem a música, a vida seria um erro”. Sem os dois tipos de música, aquele criado e interpretado pelos músicos e aquele parido por cada um de nós. O encontro respeitoso da música interior com a música do mundo é capaz de organizar a afinada e tão sonhada

orquestra da humanidade. Cantemos e dancemos, pois. Por vezes nos chamam de insanos, quando nos veem dançando ao ritmo da música – especialmente a interior. Mas, também como disse Nietzsche, “só nos chamam de insanos quando nos veem dançar aqueles que não conseguem ouvir o som da música”.



# No Miúdo da Vida

Uma atividade que me intriga é observar um calendário com todos os dias da vida já vivida. São tantas as folhinhas passadas. Milhares, no mínimo. Se o indivíduo já é, por assim dizer, mais experiente, o conjunto de milhares é ainda mais generoso. Se forem observadas as horas, os minutos, os segundos, a conta vai ficando cada vez mais expressiva.

O que foram feitos de todos esses dias? O que aconteceu em nossas vidas em cada uma das horas passadas?

Se o tempo vivido fosse um longo texto, seria possível se lembrar dos instantes em que cada letra foi escrita? Não sei sobre a capacidade do leitor, mas eu confesso que não tenho essa memória de elefante. Em meu texto, consigo me lembrar dos sentidos gerais das frases principais, assim como de passagens mais exclamativas ou interrogativas. E, claro, de alguns pontos finais que deixaram marcas e me conduziram aos próximos parágrafos.

Para onde vão, então, tantos momentos? Perderam-se no amarelar do calendário? Talvez, sim. Talvez, não.

Dizem os especialistas que a memória é como uma musculatura. Pode ficar mais forte ou atrofiar, dependendo da qualidade e quantidade de sua utilização. Parece que algumas pessoas já vêm com o kit lembrança mais robusto, necessitando de menos exercício para resgatar episódios das gavetas de nossas existências.

No entanto, não quero transformar este papo em algo neurológico. Minha curiosidade é de outra natureza. O que pode me ajudar a encarnar em minhas células, em meu ser, o miúdo da vida? Se a quantidade de pequenos momentos é infinitamente maior do que aqueles mais grandiosos, me interessa saber como valorizá-los mais, tornando-me diariamente um fruto satisfeito com as sementes que eu joguei e me geraram.

Incomoda-me a angústia latente pelo tempo vivido e que eu não consigo acessar tão facilmente. Pode ser pretensão minha querer ter as senhas que me levem a todos os meus arquivos. Provavelmente é pretensão mesmo. Uma solução seria ter um diário de cada ínfimo momento. Pensei, anotei. Bebi café, marquei. Beijei, filmei. Suspirei, gravei em áudio. Dormi, contabilizei a quantidade de tempo dedicada ao sono. Quase um Facebook paranoico. Suspeito que deva existir gente com a capacidade e, convenhamos, a necessária dose de esquisitice, para colocar em prática essa ideia. Mas não vou por aí, principalmente por uma absoluta falta de capacidade organizativa, e também por prezar pela sanidade mental que ainda resiste em mim.

Qual será o ponto real que me incomoda? Será mesmo uma dificuldade em lidar com a passagem incontrolável do tempo? Será a chegada da consciência de que realmente sou finito, e que o processo de envelhecimento é democrático, chegando ao meu porto mais dia ou menos dia, e mais a cada dia? Será medo do futuro por não saber o que nele mora? Muitas perguntas. Mas a mais importante delas ainda não está pronta. Está em meu forno de reflexões saborosas. Sinto apenas o seu cheiro, e busco me embriagar em sua gostosura, motivando a vontade de mastigar com mais sabedoria os quinhões doces e salgados, amargos e suaves, que a vida põe em minha boca ou que eu apanho nas árvores escaladas.

Se eu não posso controlar o tempo, se eu não sei quanto ainda viverei, se eu não posso mexer no que foi vivido, o que me resta? Se a absoluta maioria de meus dias foram preenchidos por miudezas cotidianas, que me escaparam no caminhar dos dias, o que me resta? Conheço poucas opções.

Resta o lamento passivo, canto triste de pássaro angustiado por sua condição de fragilidade, que se esconde em um resto de ninho e priva o universo de suas notas musicais, morrendo diária e lentamente com sua melodia interna incompleta e não compartilhada.

Resta a raiva potencialmente contagiosa, urros descontrolados lançados a esmo, tentativa de vingança do animal inconformado pela incapacidade de controlar o imponderável da vida.

Ou, e por que não, resta a vontade de valorizar o tal miúdo da vida. Se não tenho memória de elefante, posso investir tudo e mais um pouco no real aproveitamento dos momentos presentes, que no instante seguinte já serão passado, e muito em breve estarão lá atrás na folhinha do calendário. Resta salpicar de afeto e coerência as minhas escolhas, acolher meus deslizos, buscar os ajustes e ser generoso, que é diferente de ser complacente, com a minha lentidão de desenvolvimento pessoal.

Se eu quero estar em paz com a vida vivida, talvez eu tenha de aceitar o fato de que a existência seja muito menos glamurosa do que nas novelas. Por outro lado, ela pode ser muito mais saborosa e fértil, no mínimo porque é real e é minha. Quero a vida por inteiro, mesmo sem tantos momentos “uau!”. Quero me reconciliar com o presente por sentir latejar em mim, ainda que nas profundezas de um mar de dias, horas e minutos, a herança da miudeza cotidiana,

que foram se registrando em mim como recompensa por eu tê-la vivido com tranquila e persistente alegria.

Meu sangue é feito de células, pequenas e inúteis individualmente. Mas indispensáveis no conjunto da obra, por se agruparem e multiplicarem vida em mim. Meu caminho, meu existir, é exatamente igual. Que eu tenha a inteligência de apostar nos cavalos certos, que passam diariamente à minha frente, aguardando a minha atitude de montá-los, para juntos cavalgarmos pelas folhas vindouras do calendário.

Viva o miúdo da vida! É nele que me faço. É dele que eu quero me alimentar.

## É no Vazio do Jarro que Se Põe as Flores

Certa vez ouvi um provérbio oriental que me causou uma estranheza inicial, seguida de uma honesta sensação de coerência. Ele sugere que é no vazio do jarro que se põe as flores. Esvaziar para preencher. Morrer para nascer. Nutrir a metamorfose, ou ainda, em sua etimologia, permitir que a forma evolua.

Marguerite Yourcenar, ensaísta belga, lembra que o nosso verdadeiro local de nascimento é quando, pela primeira vez, lançamos um olhar sincero sobre nós mesmos. Se o primeiro olhar sincero é o parto, os seguintes olhares sinceros são parte de nossa educação e desenvolvimento. A cada nova mirada repleta das necessárias lucidez e afeto, percebemos o quanto podemos melhorar. Talvez sejamos muito menos do que afirmamos no tempo presente, mas possamos muito mais do que imaginamos no tempo futuro. Para tanto, repito, há de se esvaziar para plantar.

Mais palavras vindas da sabedoria popular: um homem caminhava por uma estrada quando, ao longe, percebeu dois trabalhadores rurais executando uma tarefa. Intrigado pelo procedimento, parou para observar mais atentamente. Surpreendeu-se até incomodar-se com o que via. Decidiu se aproximar para ter certeza daquilo que seus olhos não queriam acreditar. Quando chegou perto daqueles que revolviam a terra, confirmou sua suspeita: um ia à frente

abrindo um pequeno buraco no solo quente, enquanto o outro, a um passo atrás, fechava o buraco.

– Por que vocês estão fazendo isso?, perguntou o curioso transeunte.

Pronta e peremptoriamente, um dos matutos respondeu.

– A gente tá fazendo o nosso serviço. Não temos culpa que o colega que põe as sementes faltou.

Calor de sobra e parca luz, como já escreveu Eduardo Giannetti em seu livro "Felicidade".

Quando se completa um ciclo, ou ainda, quando se sente que um ciclo se completou e as novidades pedem espaço, parece saudável retornar às causas, especialmente para não ser presa fácil das consequências. A velocidade só parece se justificar se traz consigo uma justa relação com a direção que se supõe correta. Um comercial de peça automobilística dizia que a potência não é nada sem controle. Talvez a alta velocidade destituída da direção correta construa algo com a mesma natureza nociva. A tristeza dos resultados dessas fórmulas parece se dar por duas vias: auto-engano, por teimar em não perceber que o caminho traçado foi abandonado (normalmente as justificativas aparentemente nobres não são poucas); perda de coerência pela entrega à repetição, ou seja, o abandono da direção proposta gerando mais do mesmo, tão nocivo quanto quando políticos que se opõe há décadas decidem se abraçar sarcasticamente para vencer uma eleição. Mefistófeles vibra sobre a carcaça dos Faustos incautos.

Desde menino eu e a montanha russa não nos entendemos bem. Poucos episódios de experimentação me causaram profundo arrependimento. Entretanto, a reconciliação veio em forma de

analogia. Agradeço ao brinquedo radical pela possibilidade de perceber a imagem que descrevo agora. Suponho que o leitor destas palavras já tenha passado dos 18 anos de vida. Assim, já estamos, uns há mais tempo que outros, imersos na vida adulta, repleta de desafios e oportunidades. Memórias, dilemas e decisões misturadas. A subida da montanha russa se parece com a infância e adolescência. O tempo parece preguiçoso, instigando o nosso desejo de chegar à maioridade. Quando, enfim, entramos na ciranda das responsabilidades inerentes a quem é gente grande, parece que estamos na parte da descida do brinquedo, com velocidade crescente, curvas acentuadas, viradas de ponta cabeça, sustos, emoções, medo, gozo. Se a rotina do que chamamos de modernidade ou pós-modernidade é marcada pela aceleração contínua (ou liquidez, na expressão de Zygmunt Bauman), resta a possibilidade de torná-la significativa pela observação e, sempre que necessário, pela humildade inteligente e corajosa de se ajustar a direção, custe o que custar.

Jarros que se acomodam em estantes bonitas podem se tornar masmorras para a beleza virtuosa das flores, plastificando-as. Corre-se o risco, enfim, de se gravar no frasco, gradativamente, as incômodas palavras de meu poeta favorito, um certo Pessoa que viveu em terras lusitanas: "às vésperas de não partir nunca ao menos não há que arrumar malas". Como não desejo tal sina medíocre a ninguém, proponho um brinde ao novo, de novo e sempre.





## Venha a Mim o Bom Vinho

Corpus Christi. Esta expressão latina significa “Corpo de Cristo”, festa da Igreja Católica que celebra a presença real e substancial de Cristo na eucaristia. A relação deste texto e da importante data encontra-se em um item que também faz parte de importantes rituais religiosos desde a antiguidade: o vinho.

Obviamente no meu caso o gosto pelo vinho não está ligado a nenhum grande e importante ritual religioso ou doutrinário. Trata-se de uma afeição pelo sabor e pelas sensações que um bom vinho é capaz de promover.

No caso de Jesus Cristo, o vinho aparece em alguns momentos, os quais possivelmente o leitor conheça melhor do que eu. Lembro-me de dois: a afirmação de que vinho simbolizaria o sangue Dele e o episódio do Seu primeiro milagre, com a transformação de água em vinho em um casamento. Com todo o respeito ao assunto, estas duas passagens revelam a importância do vinho já naquele tempo. Afinal, se vinho não fosse bom, Jesus teria transformado água em refrigerante dietético.

Também celebro a possibilidade de beber vinho em função do seu papel na história da Grécia Antiga, uma vez que Dionísio representava para aquela cultura a divindade do vinho e do teatro, entre outras coisas. Bela parceria!

Goles de um bom vinho me fazem suspirar mais profundamente. Nada de exageros ou dependência inconsequente. Apenas um saboroso prazer!

A própria ciência, ainda que sem um veredito definitivo acerca do tema, sugere que um bom cálice por dia pode contribuir para a saúde do bebedor de vinho, especialmente para o seu sistema cardiovascular. Obviamente que o legal é beber com moderação, sem misturar com volante, para não estragar as sensações que podem advir do consumo saudável.

Sendo assim, como respeito as tradições e gosto de manter meu corpo e mente saudáveis, estou apreciando cada vez mais o vinho. De uns tempos para cá, o Brasil vem recebendo vinhos importados cada vez melhores, com preços também cada vez mais acessíveis. Ademais, existem vinhos nacionais de excelente qualidade, com preços também interessantes.

Para comemorar, nada mais apropriado e justo do que um tim-tim com uma generosa taça de um bom tinto!

## Quem Muito Procrastina Pode Acabar Defenestrando

Na sala de jantar, em casa de fulano:

- Pai, o senhor tem feito as atividades físicas que o médico pediu?
- Deixa comigo, filha. Começo na semana que vem.
- Mas, pai, o senhor disse isso há três meses!
- Deixa comigo, filha. Da semana que vem não passa.

Às duas da tarde, em casa de ciclana:

- Filho, acorda. São duas da tarde.
- Ai, mãe, me deixa. Dormi tarde ontem.
- Mas, filho, e os estudos para a faculdade?
- Amanhã eu vejo isso, mãe. Me deixa dormir.
- Mas você saiu e acordou tarde quase todos os dias desta semana.
- Ah, mãe, não enche. Só se vive uma vez.

Às oito e quarenta da noite, em escritório de beltrano:

– Eu não aguento mais este emprego. Que merda! Vou pedir a conta!

– Você fala isso há dez anos, meu caro.

– Mas eu vou mesmo. O chefe é um idiota, os clientes estúpidos e, tirando você, a equipe é um lixo.

– Você também fala isso há dez anos. E adivinha? Você continua aqui.

– Agora chega.

– Duvido.

Eita palavrões danados. Procrastinar e defenestrar. Se fossem ditos no jogo de futebol de quando eu era moleque, seria pancadaria na certa. Felizmente eu nunca tinha ouvido falar nisso. Nem meus colegas. Mas daí eu cresci e conheci mais do que as palavras difíceis em questão. Ainda, conheci mais do que o sentido das palavras difíceis em questão. Venho percebendo as consequências na vida humana da relação entre o ato de procrastinar e o de defenestrar.

Sem mergulhar muito nos universos do Aurélio e do Houaiss, lembro que procrastinar é deixar pra depois, enrolar, empurrar com a barriga ou outros sinônimos. Defenestrar, por sua vez, é atirar pela janela. Quem muito procrastina pode acabar defenestrando. Aliás, voltando à minha percepção do cotidiano, vejo esse sádico e triste esporte sendo praticado amiúde. Gente procrastinando decisões e atitudes importantes e, assim, defenestrando a própria vida (e às vezes as de outros também).

Saúde física, saúde emocional, emprego, relacionamentos, auto conhecimento, espiritualidade. Existe muito espaço para a prática da procrastinação. Somadas, essa decisão de não realizar o que há tempos se sente que deve ser realizado parece enferrujar o pique vital. Aos poucos, vamos nos percebendo malandros conosco mesmos, cheios de justificativas e vazios de realizações. Assim, de tanto gaguejar no discurso de si mesmo, podemos pegar birra de nosso próprio canto.

Somam-se passos em direção à janela. Vamos nos percebendo traidores de um projeto essencial: ser o que sentimos que queremos e podemos ser. Um pouco mais de lucidez pode nos contar que também vamos nos tornando traidores de um projeto maior, inexplicável, misterioso: quem ou o que nos permitiu vir a este mundo não fez isso de graça. Talvez essa força cósmica, ou qualquer outro nome que represente a sabedoria natural que gera vida, espere, no mínimo, que a gente faça bom uso dos recursos que nos foram emprestados nesta breve jornada terrena.

Procrastinadores não parecem fazer bom uso dos seus talentos. Talvez, e bem provavelmente, possam fazer muito mais e melhor. Mas não fazem. Ou ainda, não fazemos.

Vamos acumulando pendências. Cada uma delas, quando não resolvidas, nos fazem pender para o lado da janela.

Até que, tontos pela cachaça amarga da inércia e das saudades do que poderíamos ser e não fomos, tropeçamos nos sonhos esparramados pelo chão e caímos janela afora.

E como asas não nascem de graça no humano, e como o canto se foi esgotando, o momento pós-defenestração é melancólico. Queda livre de um ser prisioneiro da mediocridade.

Procrastinar as atitudes e, assim, defenestrar a vida. Conheço poucos palavrões mais ofensivos que esses.

# Caminhos do Paraíso

Quem disse que os caminhos do Paraíso não existem ou estão longe de nosso alcance? É certo e fato inconteste que a natureza humana, influenciada muitas vezes por um ambiente contaminado, camufla os acessos para tais caminhos, protegendo-nos dos riscos de embarcarmos em vias de felicidade, aparentes contramãos do senso comum, pouco inteligente.

Não existiriam guichês de informação capazes de iluminar nosso senso de direção, colocando-nos no rumo e no prumo? Pois, sim. Começamos a começar. Os caminhos do Paraíso existem e parecem estar mais próximos de nós do que podemos supor.

Uma vez fui testemunha de que podemos içar velas e fazer soprar o vento suave e justo da alegria. O que certamente pode nos ajudar são os citados guichês de informação e referência, normalmente representados por exemplos de navegantes exemplares da vida, condutores de barcos emocionantes e emocionados, interessados e interessantes, rumo aos mares e oceanos de inspiração e vontade de viver.

O comandante que me inspirou nessa oportunidade foi um garoto de aproximadamente 12 anos. Rebento de palavras ágeis e mãos coordenadas para o desenho, conquistou minha atenção e admiração durante o tempo em que o visitei nas dependências de um hospital público em São Paulo. Eu, atuando como o palhaço Doutor Raviolli Bem-te-vi, meu personagem no trabalho voluntário dos Doutores Cidadãos. Ele, com motivação e fome de vida

transbordantes. Eu, saudável e disposto a ajudar, naquilo que possível, a amenizar as dores, angústias e indefinições dos lúdicos pensamentos de meu comandante. Ele, potência de felicidade, lutando contra um câncer.

Durante meses visitei o quarto do jovem mestre, sempre na torcida e na expectativa de uma possível resolução positiva de seu problema. Não acompanhei clinicamente o seu estado de saúde, mas baseei-me em sua disposição e nos tímidos esboços de sorriso de sua benevolente e apaixonada mãe. Podia ver nos olhos daquela senhora a melhoria ou a estagnação da condição do garoto. E que olhos! Olhos de amor, esperança, carinho, ternamente dispostos a fitar seu filho por anos, caso o destino assim decidisse. Em algumas visitas, tive a certeza de que ele estava se apresentando melhor, dando golpes de vida em seu adversário, cadafalso de um futuro. Mas, uma tarde, a minha certeza desmoronou.

Certo dia, transitando pelos corredores e leitos hospitalares, percebi que estava na porta do quarto de nosso jovem. E onde estaria ele? Aonde teria ido? As perguntas se repetiam, castigando a minha crença na sua recuperação. Eu não busquei informações sobre o seu paradeiro, e passei alguns dias na dúvida: teria meu timoneiro perdido a batalha para as revoltas águas do câncer?

Dois dias se passaram. Eu retornava de uma reunião de trabalho pelas ruas do Paraíso – um bairro da capital paulista – para chegar ao meu destino. Fazia muito calor, e o trânsito, alto escalão da tirania metropolitana, contribuía para que a minha paciência se esvaísse com muita fluência. Era impossível estancar a ansiedade por chegar ao próximo porto, livrando-me de buzinas, semáforos e potenciais desafetos. O trânsito de São Paulo não é terreno fértil para cultivar os valiosos e necessários sentimentos de solidariedade e fraternidade. Seria só isso mesmo?



Balela! Os fatos que se sucederam provaram que a minha irritação provavelmente vinha de alguma insatisfação leviana, mas que me aborrecia um bocado. Foi preciso um choque inspirador para que eu reconhecesse e avaliasse, como podemos sempre fazer, aquilo que realmente merece o nosso irrecuperável desgaste.

Num dos intermináveis semáforos (acredite, eles são infinitos), olhei para o lado. Vi um garoto careca, uma senhora de meia idade e um jovem senhor rindo em alto e bom som. Risadas que criavam um cenário paradoxal: dezenas de pessoas naquele quarteirão, dentro de seus automóveis, lutavam incessantemente pela conquista de alguns metros de asfalto, desafiando quem ousasse ocupar parte de seu caminho. Certamente um paradoxo, ao compararmos com o caminhar leve daquelas três pessoas na calçada, transitando a alguns metros daqueles que se corroíam dentro dos veículos.

Olhei novamente para o grupo que passava. Era o meu querido garoto do hospital, sua mãe e padrasto. Puxa vida! Um misto de alegria e preocupação confundiu meus pensamentos. Movido pela dúvida, gritei seu nome. Pude perceber que ele olhou em minha direção, buscando reconhecer quem o chamava. Nesse exato momento, o tal semáforo acionou sua luz verde. Não coloquei meu carro em movimento. Queria fazer contato visual com o garoto. Passaram-se dois segundos e veio a primeira leva de buzinas. Como ele caminhava na direção contrária, pude ver pelo retrovisor que ele se afastava. Decidi fazer a volta. Ignorei os gestos de reprovação e rapidamente alcancei o grupo que continuava a caminhada na mesma felicidade. Encostei o carro e fui ao seu encontro.

Parei na frente deles com um sorriso explícito, pois via renascer aquela certeza da evolução do tratamento do garoto, perdida dias antes ao visualizar seu leito vazio no hospital. Senti uma grande decepção ao perceber que eles não tinham me reconhecido. Será

possível que não se lembravam de mim? Meses de visitas divertidas e prazerosas, ao menos para mim – não reluto em dizer o quanto aprendo em conhecimento e sentimento em meu trabalho voluntário. Será que a recíproca não era verdadeira? Será que fui um estorvo sem desconfiômetro durante todo aquele tempo?

Novamente meus sentimentos se confundiam. Lembrei-me que eles poderiam ter dificuldades em me reconhecer, pois eu estava sem o meu figurino especial. Ufa! Só poderia ser isso. Interrompi o turbilhão de considerações imaginárias e perguntei se eles se lembravam de mim. A resposta foi a melhor retribuição pelos meses que dediquei nas visitas ao garoto. Percebi que ele fitava em profundidade os meus olhos. De um salto, ele me deu um abraço e exclamou: Doutor Raviolli!

Pronto! Estava liquidada, com o sincero sorriso do garoto, a minha angústia. Após um fraternal abraço, quis saber sobre as novidades e o motivo da ausência no hospital. Atropelando as perguntas, indaguei como eles tinham me reconhecido sem o figurino. A mãe do garoto, econômica em palavras, adiantou-se respondendo que os meus olhos e a expressão de meu sorriso evidenciaram minha identidade. Fiquei ainda mais feliz, e a verdadeira lição ainda estava por vir.

Não podia imaginar que aquele breve papo, travado em plena calçada, com o meu carro estacionado em local proibido e com o pisca-alerta ligado, presentearia-me com tamanha aula de motivação e força de vontade de viver. O garoto conseguira alta do hospital, uma vez que conquistara a sonhada vaga em uma organização sem fins lucrativos extremamente competente em seu objetivo social: atender às crianças com câncer. A saída do hospital representava uma grande conquista para aquele garoto, embora todos soubessem que a batalha ainda seria longa, de resultado

indefinido. Mas que importava o crepúsculo se os olhos daquela criança só conseguiam enxergar o raiar do sol, após meses em um leito hospitalar? Raiar de vida, sopro de esperança, um dia após o outro.

A motivação de meu pequeno mestre para viver me fez (e ainda me faz) refletir, do alto de minha condição física, se eu teria realmente motivos para estragar o meu dia. Após reflexões, concluí e continuo concluindo que, felizmente, não os tenho. Confesso que às vezes empreendo esforços para criá-los. Quando isso acontece, paro tudo! Trago à minha memória a inesquecível imagem de meu jovem capitão, caminhando de cabeça erguida, abastecido pelo combustível da vida, pelos caminhos do Paraíso.



## Seja Bem-Vindo

abro a porta para quem se importa  
convido à sala quem não se cala  
desligo a tv em homenagem a quem realmente vem me ver  
empresto livros a quem adora estar vivo  
entrego a dispensa a quem realmente pensa  
dou a chave da geladeira a quem gosta de brincadeira  
preparo o jantar a quem me ensina a duvidar  
cedo o melhor lugar à mesa a quem serve gentileza  
limpo a pia para quem me diz "sorria"  
faço a cama para quem me ama  
não quero uma casa só para mim  
quero morar em um condomínio de humanos afins